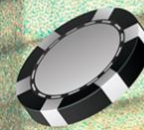


EL CASINO
EL CASINO



Cassino

ELDORADO



Clóves Fernandes
Nóbrega Jr.

Nativa



NUPEHL



Casino
ELDORADO





Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

**Luíra Freire Monteiro
Flávio Carreiro de Santana
Emerson M. Alves Silva**

Conselho Científico

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (IHCG)	Maria Liége Freitas Ferreira (UFCC)
Eliton S. Medeiros (UFPPB)	Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHGB)
Flaubert Barros Leira (HGPP)	Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)	Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)	Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPPB)	Maria de Lourdes Lopo Ramos (UEPB)
Hilmaria Xavier Ribeiro (NUPEHL)	Maria Ida Steinmuller (IHCG)
Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)	Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
João Pereira Silva Neto (IHLS)	Thuka Kercia Moraes de Lima (MDCC)
José de Sousa Pequeno Filho (IHSSB)	Vanderlei de Brito (IHCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)	Vicentina Ramires (UFRPE)

Conselho Científico

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Wellington Figueiredo



Edições Nativa

2021

CLÓVIS FERNANDES NÓBREGA JR.

Casino
ELDORADO

Nativa 

Edições Nativa

2021



Copyright 2021 – Autores
ISBN 978-65-994599-2-4

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei no
9.610/1998) é crime estabelecido no artigo
184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nóbrega Jr., Clóves Fernandes.
Memórias campinenses [livro eletrônico] : 0
Cassino Eldorado/ Clóves Fernandes Nóbrega
Jr. --
1. ed. -- Campina Grande, PB : Nativa Edições, 2021.

Bibliografia
ISBN 978-65-994599-2-4

1. Brasil - História 2. Campina Grande (PB) -
História 3. Cassino Eldorado de Campina Grande
: Paraíba - História 4. Memórias I. Título.

21-62648

CDD-385.314098133

Índices para catálogo sistemático:

1. Cassino Eldorado de Campina Grande :
Paraíba : Estado : História 385.314098133

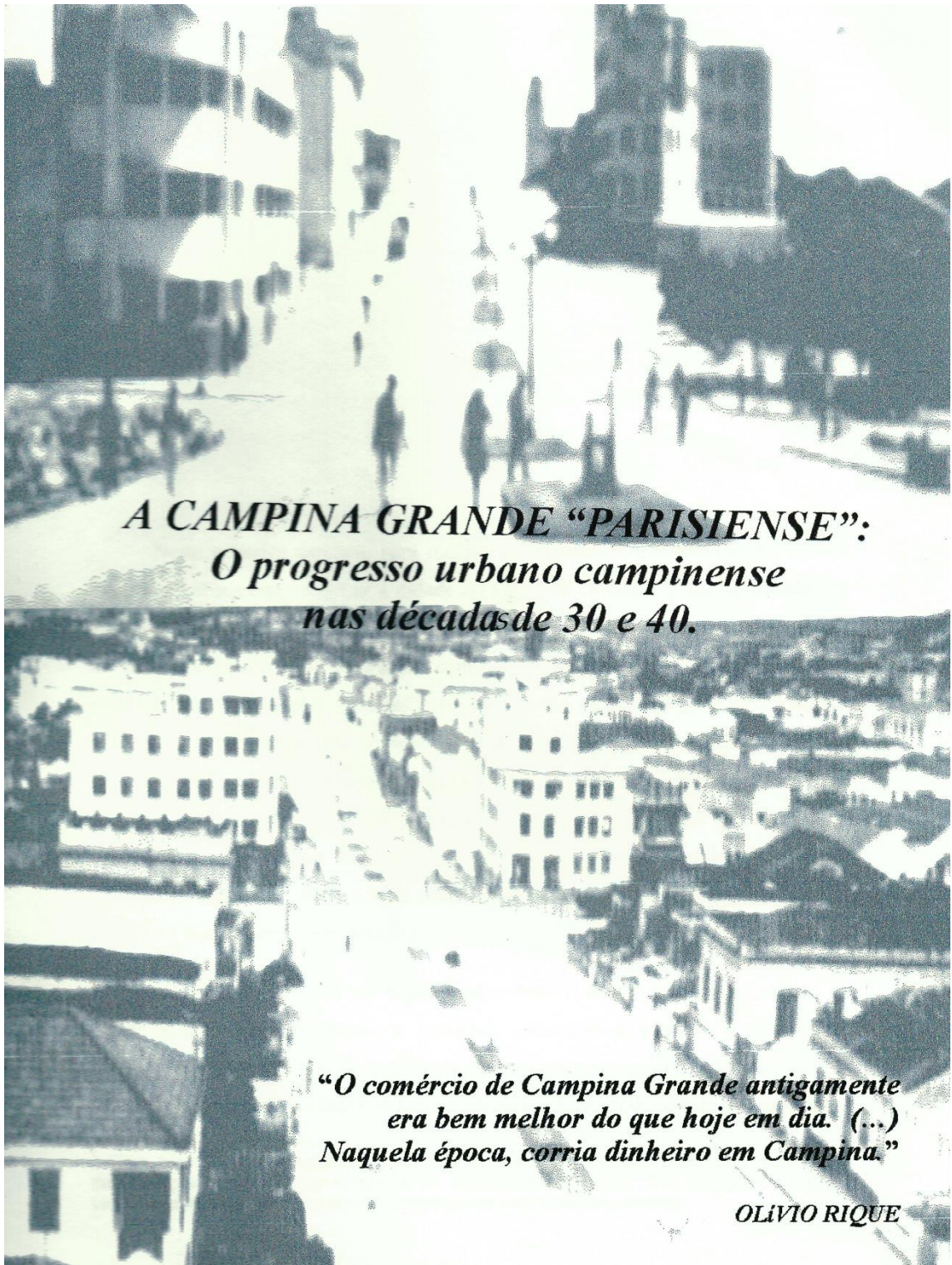
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Edições Nativa

2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
A CAMPINA GRANDE “PARISIENSE”: O progresso urbano campinense nas décadas de 30 e 40	10
O GOSTO PELO CABARÉ: A influência dos bordéis franceses	18
A EFERVESCÊNCIA DA BOEMIA CAMPINENSE: O espetáculo e o brilho do “Casino Eldorado”	25
GLÓRIA, DECADÊNCIA E MUDANÇA: O comércio do algodão e outras influências	52
CONCLUSÃO	59
BIBLIOGRAFIA	62
ANEXOS	64



***A CAMPINA GRANDE “PARISIENSE”:
O progresso urbano campinense
nas décadas de 30 e 40.***

***“O comércio de Campina Grande antigamente
era bem melhor do que hoje em dia. (...)
Naquela época, corria dinheiro em Campina.”***

OLIVIO RIQUE

Campina Grande, durante as décadas de 1930 a 1940 – período do auge do “Eldorado”, esteve em sua fase áurea – época em que a cidade assumiu o estilo *Déco*¹, quase desejando, como dizia um boêmio, “*ser Paris*”, com todo o seu esplendor, brilho e sedução... Para tanto, muitas das edificações das ruas centrais tiveram os seus projetos assinados por arquitetos da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Essa mudança radical nas feições urbanas do centro urbano representava o fascínio econômico, fruto da abundância do chamado “ouro branco”, cuja produção regional convergia para a cidade e era exportada para Europa. Nessa época, Campina era conhecida como a “Liverpool Brasileira”, dada a condição de grande exportadora de algodão, tal como fora aquele centro portuário inglês.

Arquitetando um breve quadro desse chamado “progresso” urbano da cidade deste período, se faz necessário mostrar as principais realizações e, também, a mudança das mentalidades campinenses, totalmente alteradas pelos recortes da modernização que associava o progresso à noção de beleza e higiene. Essa modernidade foi, segundo a historiadora Léa Amorim, construída pela “*desconstrução*” do patrimônio histórico, que foi “*violentamente atingido pela intervenção do poder público, defensor do tempo centrado na prosperidade de alguns grupos políticos*”.

No início da década de 1930, época do surgimento do “Eldorado”, Campina Grande tinha, de acordo com Epaminondas Câmara, 4.781 casas e o comércio campinense consolidava-se com o advento do automóvel, que já contava com 217 veículos. Os caminhões substituíram não somente as carroças de bois, mas também, as tropas de burros que, às centenas, entravam diariamente na cidade. Desenvolveu-se o mercado por atacado que, aos poucos, foi se localizando na Antiga Rua das Areias, atual Rua João Pessoa. A indústria local também tomou incremento com o fabrico de camas de ferro, malas, sabão, móveis, facas de ponta, redes e etc., além da instalação de usinas hidráulicas de prensagem de algodão. A

¹ Filho legítimo da sociedade industrial, o *Art Déco* se assume como um conjunto de manifestações artísticas, apresentando-se estilisticamente coeso. Sua expansão acontece vertiginosamente a partir dos anos 20, alcançando toda Europa e América.

cidade se constituía graças ao seu efervescente comércio e à sua incipiente indústria, transformando-se na principal cidade do interior do Norte e Nordeste.

Nestes primeiros anos fundaram-se, na cidade, centros desportivos e dançantes. No arquivo particular da memorialista Esmeraldina Agra, a antiga praça Eptácio Pessoa (destruída pela “marcha da modernização”, abrindo espaço para a atual Rua Maciel Pinheiro) era o local das apresentações das bandas musicais nos finais de semana e feriados, passarela de procissões católicas, era também o local dos animados carnavais, passeatas políticas, encontros de amigos, e etc. Mais tarde, este local foi transferido para a praça João Pessoa, também extinta, e desta para a atual Clementino Procópio. E no antigo Largo da Catedral (hoje, Avenida Floriano Peixoto), ocorriam todos os anos a chamada “festa de fim de ano”, com apresentações diárias de conjuntos musicais, pavilhões de caridade e particulares, barracas de prendas, jornais, bandas de jogos etc.

Em 1993, Campina Grande ganhava a agência dos Correios e Telégrafos, localizado no antigo Largo do Rosário (atual praça da bandeira e parte da Rua Irineu Joffily), construído pelo Governo Federal. Com a demolição da Igreja do Rosário e de seu largo pelo poder público municipal, a agência foi transferida posteriormente para o edifício onde funcionava a antiga Cadeia Pública, nas proximidades da catedral (hoje o edifício abriga o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande). Anos mais tarde, já na década de 1940, foram instaladas agências postais nos bairros do Santo Antônio, da Prata, do São José e no Açude Novo.

Sua população, no ano de 1935, era em cerca de 100.000 habitantes, incluindo seus distritos. A cidade já possuía quatro prensas hidráulicas, cinco estabelecimentos bancários, três fábricas de tecidos, três de sabão, duas de gelo, uma de camas de ferro e lavatórios, uma de curtumes e vaquetas, uma de mosaico e outras, vários colégios equiparados e grupos escolares, hospitais e maternidades, postos e centros médicos, jornais, revistas, sociedades dançantes, clubes e associações desportivas, cinemas e etc., além de inúmeras igrejas e capelas. E em 1936, Campina Grande foi nomeada a principal cidade do interior nordestino, devido a sua crescente grandeza de sua vida urbana e dos seus vários distritos; pelo intenso comércio de algodão², cujo crescente desenvolvimento a colocava naturalmente como sendo até meados da década de 1940 a terceira maior praça algodoeira no mercado mundial.

² É importante observarmos que, a partir desta mercadoria, o espaço urbano da cidade foi reorganizado em função da produção dessa matéria-prima na condição de ponto de confluência e articulação do sertão algodoeiro ao mercado internacional.

No ano da inauguração do “Cassino Eldorado”, em 1937³, a cidade passava a ter 7.069 casas. Neste ano teve início o povoado de São José da Mata. O Departamento de Estatística e Publicidade do estado publicou uma estimativa da população do Estado, segundo o qual o município da Capital teria 108.827 habitantes e o de Campina Grande 99.557. Ainda neste mesmo ano, a empresa de luz deixava, mais uma vez, a cidade às escuras por deficiência de geradores. Em 1944, desapareceu a iluminação pública, ficando apenas nos domicílios das ruas centrais com baixa voltagem e faltando a cada momento, durante dias até semanas. Por este motivo o então prefeito Vergniaud Wanderley⁴ (*Ver figura 1.*) Iniciou a construção de uma Central Elétrica nas proximidades do Açude Velho. Foi constante, durante as décadas de 1930-40, a irregularidade no fornecimento de luz.

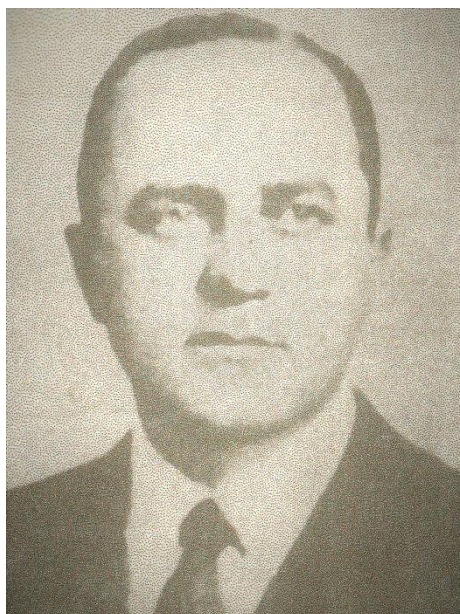


Figura 1: Vergniaud Wanderley.

No final da década de 1930, o comércio dilatou suas atividades pelo interior dos Estados vizinhos, e na cidade foram instalados armazéns por atacado, de tecidos, ferragens, miudezas, louças, material de saneamento, entre outros. Apareceram mais fábricas: de gelo, mosaico, arame, estopa, tecidos, laticínios, móveis, calçados etc. Os bancos, pondo à margem os agiotas, aumentaram o crédito regional, influenciando de modo interessante na vida econômica

³ Este ano marca a migração do estilo *Art Déco* para Campina Grande, quando se iniciam as construções do “Eldorado” e do “Grande Hotel”. Entretanto, sua massificação, na cidade, se acelera no início dos anos quarenta, oportunidade em que o prefeito Vergniaud Wanderley põe em prática sua “reforma urbana”. Desse modo, o *Déco* se disseminou pelas principais ruas do centro comercial da cidade, imprimindo uma nova paisagem urbana, conferindo-lhe “ares modernos”, próprios dos grandes centros urbanos daquele período.

⁴ Vergniaud Wanderley governou a cidade por duas vezes: de novembro de 1935 a novembro de 1937; e de agosto de 1940 a março de 1945. Para alguns, ele era visto como o “modernizador”, para outros, ele foi considerado um “demolidor”.

do Estado. Automóveis e caminhões invadiram as ruas e rodovias, desapareceram fatalmente os burros de carga, e tornando a cidade o mais movimentado centro de caminhões do Norte-Nordeste do país. Segundo o recenseamento geral do país de 1939, Campina Grande era o município mais populoso do Estado, possuía 127.397 habitantes, a capital João Pessoa possuía 95.386 habitantes.

No meio social, modificaram-se as maneiras associativas, criando tonalidades mais suaves, graça à influência da Igreja Católica, dos colégios, do Rotary Clube, da Maçonaria e do Campinense Clube. O carnaval, por exemplo, transfigurou-se, até meados de 1930, com o desfile de automóveis em grupos carnavalescos, com muitas serpentinas e lança-perfumes. Mais tarde, intensificou-se dentro dos clubes, e logo foi declinado como festa popular, como “a brincadeira das ruas”. Outras mudanças foram o desaparecimento da lapinha, dos pastoris, das fogueiras de São João, das derrubadas de gado, das cavalhadas, dos bois de carga, e etc., além da condução à mão de caixões em enterros funerários, que passava a ser feita com carros fúnebres desde o início desta década.

E, no que se refere à vida religiosa na cidade, está se intensificou com o aparecimento dos núcleos espíritas e protestantes. O catolicismo intensificou-se cada vez mais com a construção de novos templos. Prosperaram também as igrejas protestantes e seus membros revelaram um grupo singular no levantamento de templos, cuja arquitetura ajudou no “embelezamento” da cidade. Muitas pessoas afirmaram, na época, que Campina Grande era a cidade do Norte-Nordeste mais bem servida de edifícios amplos e bem construídos para o culto protestante.

Quanto à “Feira de Campina Grande”, considerada a maior do setentrião brasileiro, realizavam-se nos sábados e quartas-feiras no centro da cidade, ocupando várias ruas, entre elas, a Maciel Pinheiro, a Venâncio Neiva, a antiga Princesa Isabel, a Monsenhor Sales (mais conhecida como o “Beco do 31”); ocupava ainda as extintas praças Epiácio Pessoa, Luz e Cristiano Lauritzen. A feira foi mudada pela multiplicidade para as imediações do Mercado Público em construção no antigo Canal das Piabas. Segundo o artista plástico Francisco Pereira Júnior,

A cidade de Campina Grande nasceu da feira, esta, que ainda hoje, representa uma das bases de sustentação não mais a fundamental, pois a cidade cresceu, e extrapolou a feira, criou um outro tipo de comércio, permitiu a presença de indústria e de outras fontes de atração regional que lhe garantem definitivamente a liderança de maior cidade do interior

nordestino. No entanto, até pouco tempo, a feira representou o principal motor de propulsão econômica não só da cidade, mas de toda a região de influência geográfica que tem Campina Grande como centro e que se estendia até os confins de Pernambuco ao do Ceará.

Na década de 1940, foram muitas as formas pelas quais a cidade estendeu-se por sobre as colinas adjacentes, vindo novos bairros: Bodocongó, Bela Vista, Prata, Monte Santo, Alto Branco, Santo Antônio, José Pinheiro, Catolé, Cruzeiro e etc. (Ver *figura 2.*) Campina Grande passou por inúmeras realizações, tais como várias reformas arquitetônicas, o assentamento do primeiro tubo de serviço de água e esgoto, a inauguração do serviço de telefones automáticos entre outras. Sobre a administração de Vergniaud Wanderley, foram construídos: o Mercado Público; a Recebedoria de Rendas; o cais circular da bacia do Açude Velho; o Matadouro; a Empresa Telefônica; e o Grande Hotel, o maior e mais luxuoso do Estado (cujo majestoso edifício de cinco pavimentos foi, posteriormente, doado à cidade), localizado no cruzamento das ruas Maciel Pinheiro e Floriano Peixoto próximo ao palacete da Prefeitura Municipal inaugurada um mês depois; além de muitas praças e aberturas e pavimentação de ruas e avenidas.

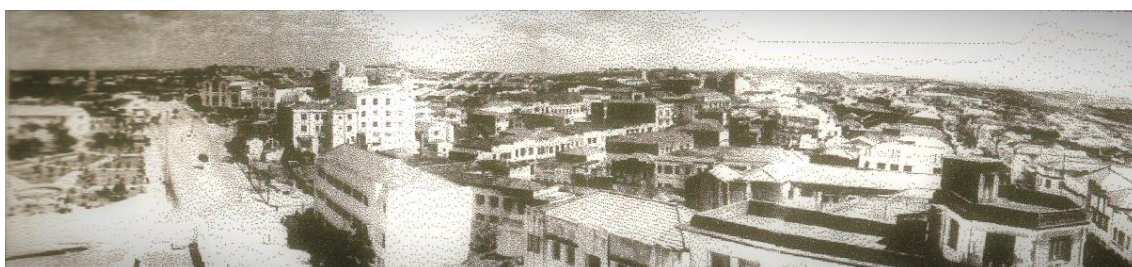


Figura 2: Campina Grande em 1940.

A cidade não parava. No Alto da Conceição, próximo ao bairro da Lapa, foi construído para o Exército um grande quartel; no bairro do Ligeiro, iniciaram-se a construção do aeroporto Santos Dumont e do Aéreo Clube de Campina Grande; no bairro do Santo Antônio, foi inaugurada uma igreja com o mesmo nome, assim como no bairro São José; neste último bairro, inauguraram um cinema, também com o mesmo nome; tivemos também a fundação das Associações de Proteção e Assistência à Infância e das crianças abandonadas; a instalação do Banco Industrial de Campina Grande e mais tarde do Banco do Comércio de Campina Grande, além de outras casas bancárias; e, por último, tivemos a demolição pela prefeitura do Paço Municipal ou Casa da Câmara (contíguo à Igreja Matriz).

Um outro fato importante deste período foi o início da construção, pelo governo federal, da ferrovia Campina Grande-Patos e da rodovia Campina Grande-Alagoa de Baixo, esta última passando por Boa Vista, São João do Cariri, Serra Branca, São Tomé e Monteiro. E, durante este mesmo período, foram fundadas: a Sociedade Médica de Campina Grande, a Academia Paraibana de Letras, o Country Club (ou Clube dos Duzentos), a Sociedade de Cultura Musical, o Clube Literário de Campina Grande etc.

Em 1944, a falta de água na cidade acentuou-se cada vez mais, sentida a partir de 1942, mas só em 1945 é que apareceram providências do governo estadual, no sentido de mudar tal situação. O abastecimento d'água faltava de duas à três vezes por mês e de cada vez durante cinco a dez dias consecutivos. Ao mesmo tempo, porém, transbordava a barragem da Vaca Brava nas proximidades de Lagoa Seca. Neste mesmo ano, a prefeitura mandou demolir o monumento ao Escravo Desconhecido, assim como a pracinha ajardinada que o circulava, igual “sorte” teve a Coluna da Hora, na praça João Pessoa.

E nos anos de 1946-47, tivemos como principais realizações: inauguração de mais uma casa de saúde e maternidade (Dr. Francisco Brasileiro, no bairro da Prata); a instalação da emissora da Rádio Borborema; a intensificação das linhas aéreas; além de muitas outras, como a inauguração de grandes depósitos de combustíveis para o abastecimento de todo o interior do Nordeste e etc. Neste último ano (dez anos depois do surgimento do “Casino Eldorado”) Campina Grande contava com 13.259 casas. Segundo Epaminondas Câmara, em *Datas Campinenses*, cerca de dez mil delas construídas com tijolos e telhas, contando também com cerca de trezentos sobrados, muitos destes construídos nas ruas comerciais da cidade, incentivados pela prefeitura. A população da cidade neste ano estava estimada em setenta mil habitantes, a do distrito em oitenta mil e a de todo o município em cento e sessenta mil. Campina contava, também, com uma área com pouco mais de quatro quilômetros quadrados de edificação compacta, em forma de triângulo, de cujos lados partem, como compridas saliências, bairros e ruas em todas as direções.

Contudo, é importante observarmos que Campina Grande entrou na modernidade pelas ruas, que foram alargadas dando lugar a longas avenidas. Léa Amorim, em “*Recortes da Modernidade*”⁵, nos fala que “*muitas ruas foram desconfiguradas, apagadas da memória, quando a cidade se viu virada pelo avesso e quando o avanço do progresso redefiniu o novo*

⁵ Léa Amorim, *Recortes da Modernidade: a sedução do progresso recria a memória na demolição do patrimônio histórico*. IN: GURJÃO, Eliete (org.). *Imagens multifacetadas da História de Campina Grande*, 2000.

espaço urbano livre de toda e qualquer imagem que destoasse do que era considerado moderno”.

A modernização mudou a identificação de ruas e mais ruas, ocorrendo uma constante troca de nomes dados pela espontaneidade do povo por outros sem nenhuma expressividade. Essa troca de nomes desapropriou e demoliu casas seculares (como por exemplo, a casa do Monsenhor Sales, construída em 1937, hoje Associação Comercial), expulsou pobres de muitas ruas, obrigando-os à aceitação do progresso.

Porém, muitas destas “novas” ruas não deixaram de serem conhecidas pelos seus nomes anteriores. Um exemplo disso foi à antiga Praça do Algodão, o centro da cultura algodoeira, uma história viva da cidade do “ouro branco”. (Ver *figura 3*.)

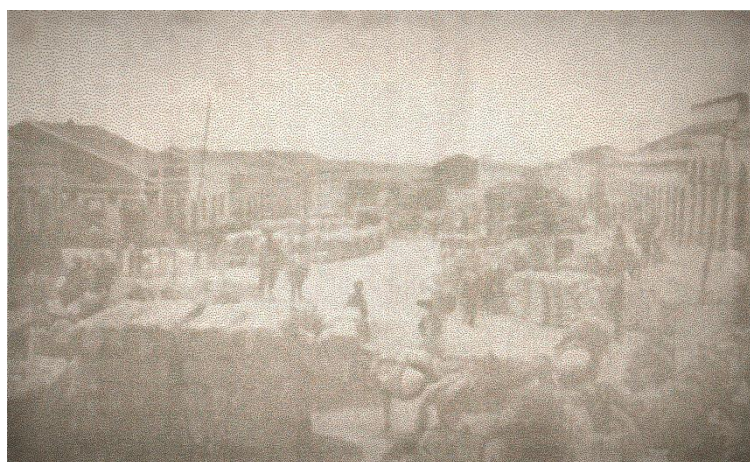


Figura 3: *Praça do Algodão*, atual Rua Marquês do Herval.

Portanto, essa “modernização” fez muitas ruas e praças desaparecerem, destruiu muitos prédios e casas seculares; demoliram o patrimônio histórico da cidade, para a construção do que considerava “moderno”. Hoje, estão de pé pouquíssimos prédios, como o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande e a Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba⁶. Contudo, apenas este último foi tombado pelo *Patrimônio Histórico*.

⁶ O primeiro, foi durante algum tempo, “Cadeia Pública”, depois os “Correios e Telégrafos” e outras repartições públicas; o segundo foi primeiramente o antigo “Grupo Escolar Sólon de Lucena”, depois a “Escola Politécnica”.



***O GOSTO PELO CABARÉ:
A influência dos bordéis franceses.***

***“O chique era ignorar o Brasil
e delirar por Paris.”***

BRITO BROCA

O que é *prostituição*? Esta questão é tão espinhosa que as tentativas para a definir serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias. Por isso, não tentaremos construir um quadro de como, onde e por que o sexo se transforma em negócio. Afinal, todos os discursos sobre esta fazem ouvir a febre das paixões, a impaciência da carne e o furor das fantasias. Neste segundo capítulo, buscaremos mostrar a prostituição no período de 1830-1930: sua influência na vida social e nos costumes franceses – que contribuirá para compreendermos, mais de perto, o significado do “Casino Eldorado” para a elite algodoeira, que se deslumbrava com os altos lucros vindos do comércio do algodão de Campina Grande.

Meio de subsistência, problema moral, atentado à saúde pública, a prostituição assumiu diferentes e simultâneas facetas. Enquanto prática e tema, ela foi sempre tratada com descaso e preconceito. Normalmente vista como opção, perversidade que atinge mais as classes sociais mais baixas, a venda do corpo como objeto de prazer foi hipocritamente considerada atividade marginal e, portanto, caso de polícia. Segundo Foucault, as prostitutas não puderam ter voz. Foram sempre os homens que falaram sobre elas. Existem poucos escritos sobre sua intimidade, seu dia a dia, suas emoções, suas paixões.

Nos inúmeros textos literários sobre o assunto vemos parcialmente os fragmentos de sua história. Esses textos nutrem o imaginário masculino, constroem, mais ou menos conscientemente, uma tipologia dessa estranha profissão. Assim, através destas fontes literárias, temos a oportunidade de conhecer mais de perto esse universo que tende ao segredo e que Baudelaire, salientando os extremos entre os quais oscila, chamou de “*lodoso grandeza, desonra exemplar*”.

Denominam-nas cortesãs, moças de vida fácil, moças de vida alegre, mulheres da noite, do amor, da rua, da zona, da vida, moças de diversão, moças públicas, andorinhas, meretrizes, raparigas, rameiras, biscoas, biscates, bruacas, damas da noite, marafonas, messalinas, chinas, cocotes, horizontais, madames, mariposas, mundanas, mulheres à-toa... Foucault, em “*História da Sexualidade*”, escreveu: “*As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todos os dias; as esposas, para ter uma descendência*”.

legítima e uma fiel guardiã do lar”. Por outro lado, as prostitutas eram absorvidas por exercerem, também, a tarefa de iniciação dos adolescentes no campo sexual, garantindo-se ao mesmo tempo a castidade das futuras esposas e o futuro desempenho masculino.

Para a tranquilidade da ordem social, a prostituta estava ligada a uma imagem singular que facilita a segregação: boca pintada, roupas provocantes, gestos obscenos. Os nomes identificam, mapeiam e isolam palcos e personagens desse teatro dos prazeres: bordel, prostíbulo, zona, casa de tolerância; rameiras, madames, mundanas, cafetões, rufiões. No entanto, as fronteiras entre decência e indecência são menos nítidas do que a ideologia puritana faz crer.

Entre o desejo transgressor do cliente e a repressão policial, a prostituição se estabelece como instituição do desvio, mal necessário a ser tolerado e vigiado. Nada impede a sua existência, nem as atrocidades, misérias e doenças a que estão expostas as moças do *trottoir*³, as belas da noite. Objeto de repulsa social, vítimas de condições adversas, essas mulheres na verdade compõem anonimamente uma história, a história secreta da mais antiga profissão do mundo. É evidente que a prostituição sempre existiu, e seus inúmeros historiadores não deixam de consagrar um capítulo à evolução do fenômeno desde a Antiguidade. Em todos os tempos, desde que o homem é homem, mulheres e homens têm vendido o corpo. Porém, no século XIX, ela mudou de *status* e, é possível dizer, até de natureza. Inicialmente, foi ampliada e agitou e depois preocupou aqueles que se acreditavam investidos da missão de zelar pela boa ordem social.

A prostituição não é proibida, mas sim tolerada, como mostra a própria expressão “casa de tolerância”. Convém, portanto, às autoridades públicas regulamentá-la para poder controlá-la melhor. A casa de prostituição permanecia na mentalidade da época como uma peça mestra do dispositivo, já que era julgada indispensável, útil, para não dizer necessária, e vale mais conter seus excessos que tentar reformá-la. A luta em favor do “bordel higiênico” estava apenas começando. Autorizar para melhor fiscalizar e sanear, esse foi o método oficial. Na França, a preocupação em regulamentar apenas se tornará mais exacerbada no decorrer do século XIX, segundo a especialista em história dos sentidos Laure Adler, em seu livro “*Os bordéis franceses*”. Essa política minuciosa de aprisionamento do vício terminará em fracasso, visível já no início do século XX, mas evidente e definitivo no início dos anos 30.

Adler, em sua obra, cita o estudo de Alain Corbin, sobre as “mulheres de vida fácil”, o qual oferece-nos uma visão totalmente nova das estruturas institucionais, políticas e

³ *Trottoir*, palavra francesa correspondente à expressão “de rua”.

judiciárias da prostituição nos séculos XIX e XX; estabelece uma distinção entre três grandes fases: o regulamentarismo no início do século XIX, o neo-regulamentarismo do final do século XIX e o sanitarismo depois da Primeira Guerra Mundial.

A prostituição, sem dúvida alguma, é a mais antiga profissão do mundo. Na Europa, no decorrer do século compreendido entre 1830 a 1930, temos o esplendor e a decadência da casa de prostituição. Antes de 1830, o bordel não possuía verdadeiramente uma função: era visto como local de libertinagem, local de encontros, servia também como ponto de troca de vinhos, de alimentos e de sexo. Em seguida, sua finalidade como local de todo e qualquer tipo de prazer continuará a se definir e ampliar. Depois de seu momento de glória, a partir de 1880, perderá o atrativo, a sua carga erótica e afetiva e o seu mistério. Durante a Primeira Guerra Mundial, o bordel terá um desenvolvimento efêmero, mas a partir de 1930 é que será marcada a sua morte quase que definitiva bem antes da “*lei do fechamento*” de 1945, a qual o desmantelaria juridicamente.

A verdade é que o bordel não resistiu à crise econômica do pós-guerra, e numerosos são os estabelecimentos que foram transformados em escritórios, em hotéis e outros estabelecimentos. Em 1920, não subsistem em Paris mais que uns vinte deles. Contudo, com o passar dos anos vão surgindo os novos bordéis. O amor venal industrializa-se. O ritmo se mantém: de nove horas da noite às três da manhã. Mas, as sessões são mais curtas nesses novos tempos de amor, onde tempo é dinheiro. O bordel passa a seguir o “tempo” da indústria. Não se pensa mais em tomar uma bebida antes da prática sexual. Nestes novos tempos há menos fantasia, mas há mais “segurança”. A sífilis deixava de ser uma doença incurável, segundo Jurandir Freire Costa em seu livro “*Ordem Médica e Norma Familiar*”. O “cliente” pode, com toda tranquilidade, ir satisfazer seus impulsos, pois terminava o temor que se apoderava do homem à aproximação da “mulher”, esquece-se à atmosfera “venenosa” dos amores noturnos.

Nestes novos tempos, a prostituta ganhar liberdade de exibição, controle da própria vida, com uma moralização da vida pública. O desprezo por ela tenderá a diminuir. A prostituição deixava de ser timidamente praticada para ser incorporada como uma outra dimensão do mercado capitalista. Essa mulher da noite se tornará, insensivelmente, uma trabalhadora do sexo e não uma encarnação do vício. Os limites de normalidade sexual expandiram-se segundo Anthony Giddens, em seu livro “*A Transformação da Intimidade*”. O “pecado” que o ato sexual representa se torna pouco menos pesado para que o corpo carregue e o próprio corpo também se emancipa: esporte, banhos de mar, banhos de sol, e etc. A livre disposição do corpo influencia as relações dos casais legítimos. Agora chega o tempo

moderno do sexo. As moças vão aos “negócios” e contam dinheiro. A prostituta, de ser maléfica, passou a ser, para alguns, um modelo de emancipação. O valor dessa profissão também é exaltado. Ela aparece como uma escolha, talvez como uma libertação. O desejo por esse trabalho noturno passa a ser valorizado, pois este passa a ser afirmada por muitos romancistas franceses, “*a única forma honesta de amor, aquela que não se alimenta de mentiras*”.

Dentro deste contexto, recoberta com múltiplas imagens, foi também atribuída a essa trabalhadora do sexo característica de poder contra a razão dos códigos de comportamentos estabelecidos. E nesse caso, as francesas apareciam como muito mais sedutoras e experientes do que qualquer outra, como uma prostituta de maior prestígio em relação às outras. Percebida como alguém proveniente de uma sociedade mais avançada, onde imperavam hábitos, costumes e práticas totalmente desregradas. O charme da “francesa” foi construído no imaginário masculino a partir de dois temas recorrentes: o de maior capacidade de sedução e o de seu domínio das regras de comportamento “civilizado”, simbolizando o mundo das mercadorias, as mais modernas, era desejada também pelo *status* que conferia ao seu proprietário momentâneo.

Nos luxuosos cabarés franceses, essas mulheres da noite faziam suas aparições solenes, teatralizadas, projetando-se com destaque para o elegante público masculino, introduzindo um nível sofisticado e diversificado de vivência erótica. Seus corpos femininos brilhavam através dos artifícios que os ornamentavam: joias, colares, pulseiras, brincos, roupas brilhantes, escarlates, coloridas, negras, justas, colantes, vistosas, decoradas, insinuantes, realçando as formas físicas bem conformadas. Todos esses artifícios atestavam o *status* daquelas mulheres. Não é casual que a condenação da prostituição moderna se faça também através da crítica ao luxo desenfreado, pois deste tipo de prostituição – como “espetáculo” – obtinham-se altos lucros, pois se tratava de uma imensa máquina funcionando como polo aglutinador de determinados grupos sociais. A historiadora Margareth Rago, em seu livro “*Os Prazeres da Noite*”, fala na forte associação da prostituta – particularmente a de luxo – com o gosto exibicionista da riqueza, com a forma pela qual ela explora o amante endinheirado, conseguindo extrair de suas mãos roupas, joias caras e etc. A valorização do sexo e a política do corpo abalaram tudo, mas essa profissão, se mudou de forma, não mudou de natureza. Muitas prostitutas ainda vivem em condições chocantes, outras poucas, prestigiadas na época, tornaram-se damas da sociedade, ao casarem-se com homens de posição privilegiada, tanto no campo comercial e ou político.

Desta forma, prostituição e modernidade, em Campina Grande, foram intimamente associadas, num momento em que amplos esforços eram mobilizados pelos diferentes setores sociais da cidade no sentido de se auto representarem como uma sociedade que ingressava numa era inaugural, sintonizando seus passos ao ritmo da modernização das nações europeias. A partir de 1930, as estruturas, o *status* e a economia da prostituição evoluíram muito.

Como falar no “Cassino Eldorado” sem antes falar sobre prostituição e a influência dos cabarés franceses? Veja ambos, elos de uma só corrente, o “Casino” era vivenciado, no plano simbólico, em sua dimensão modernizante. Este, em sua fase áurea, assemelhava-se aos luxuosos cabarés franceses, quanto ao seu requinte parisienses, importado juntamente com certos hábitos “civilizados”, até seus vícios e seus maus costumes. O famoso bordel francês “*Maison Tellier*” (Ver *figura 1.*), vistos por muitos romancistas como “*uma atmosfera doce, tranquila e protetora aonde vem relaxar, depois do cair da noite, destacadas personalidades parisienses*”, tornou-se o símbolo do bordel francês.

E o “Eldorado” buscou uma identidade semelhante a este, quanto àquele clima de excitação e deslumbramento. Através daquele *cassino-cabaré*, a elite campinense acreditava-se entrar no compasso da história, absorvendo e consumindo práticas e mercadorias europeias, profundamente mistificadas. Essa elite, imitando o modo e o estilo de vida europeu, procurava estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. Segundo Brito Broca: “*O chique era ignorar o Brasil e delirar por Paris*”. O gosto pelo cabaré, influenciado pela cultura europeia, adaptou-se as condições locais de produção e consumo, na busca de uma satisfação geral do espírito e da carne.



**A EFERVESCÊNCIA
DA BOÊMIA CAMPINENSE:
*O espetáculo e o brilho do “Casino Eldorado”.***

*“Naquela época, o melhor cabaré do Rio
funcionava no subsolo do Teatro Municipal.
Era o Assírio. Era apenas um arremedo de cabaré,
comparado ao 'Eldorado'.”*

Nathanael Bello

O surgimento do “Cassino Eldorado” marcou profundamente a sociedade campinense. É inegável sua importância na vida social da cidade, embora tenha suscitado reações de grande ansiedade por parte do setor tradicional da sociedade. Segundo a memorialista Esmeraldina Agra, naquela época, houve uma revolta muito grande a essas e outras casas noturnas, por parte da Igreja: “*Os padres revoltados diziam que isto era o fim do mundo e não admitiam aquilo*”. Contudo o “Casino” foi marcado por toda uma auréola de mistério, fascínio e atração.

A instalação desse *cassino-cabaré*, considerando-se a mentalidade conservadora do interior nordestino, foi um ato de ousadia para a sociedade campinense. Essa existência de cabarés no interior nordestino seria, justamente, por causa dessa mentalidade conservadora. Lembranças de um passo de opulência, o “Casino Eldorado” deixou inapagáveis marcas na vida boêmia de Campina Grande acostumada à riqueza e extravagâncias próprias da burguesia mercantil-algodoeira daqueles anos.

Imaginação de João Veríssimo de Sousa¹ (Ver *figura 1.*), o “Eldorado” se tornou uma realidade, pela inteligência criativa do arquiteto Isaac Soares. Causou enorme impacto pelo seu luxo e pela qualidade dos serviços; foi um marco do acontecimento que logo transpôs as fronteiras da cidade, dando fama a Campina Grande como símbolo de modernização. O “Eldorado” era um mundo de homens, dos adultos, principalmente, dos homens ricos. Portanto, aquela diversão proporcionada pelo *cassino-cabaré* era destinada aos homens que tinham dinheiro para gastar.

¹ *João Veríssimo de Souza* foi um agricultor pernambucano que veio para Campina Grande atraído pelo seu grande e intenso comércio.

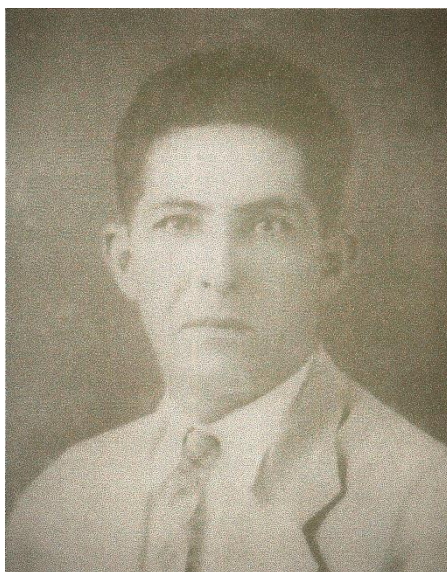


Figura 1: João Veríssimo de Sousa.

O “Cassino Eldorado” construído na década de 30 – localizado na Rua Manuel Pereira de Araújo² (Antiga Rua Cinco de Agosto) situada em plena Feira Central de Campina Grande –, foi o ponto de encontro da “oligarquia algodoeira” (para a qual o “Casino” promovia tradicionalmente no início da safra uma festa comemorativa; nestas ocasiões decoravam o salão de recepção com flocos e fios de algodão) e demais nomes da elite campinense (banqueiros, industriais, e comerciantes, professores e estudantes, médicos, advogados e juízes de direito, agentes fiscais, jogadores de futebol, músicos e, até mesmo, desembargador e bacharel, entre outros). Essa elite, assim como toda a alta sociedade, ali se deleitava ao som de uma boa música, de grandes rodas de jogo, bebidas e “mulheres”, além de apresentações de artistas famosos. Gente de muito dinheiro frequentava o cabaré nas suas horas de folga. Assim, o motivo do requinte daquele *cassino-cabaré* estava bem claro: era o alto poder aquisitivo do povo proporcionado pelo comércio de algodão, dos minérios, do couro, do agave etc.

Arquitetonicamente, o prédio foi construído em estilo *Art Déco*, conferindo-lhe “ares modernos”, próprios dos grandes centros urbanos daquela época. Existiam dois pavimentos com muitas janelas e no andar térreo uma porta de acesso. Foi construído, especialmente, com quartos para as “mulheres” e dependências para os jogos e diversões. O ambiente interno era decorado com requinte, emoldurado com belas figuras femininas com

² A *Rua Manuel Pereira de Araújo* (chamada antigamente de “Rua Boa”) é conhecida, hoje, como a “Rua do Lixo”. Nos dias de feira, a rua fica reservada, quase que exclusivamente, à venda de galinhas e demais aves do gênero, entre outras mercadorias. De dia é uma rua comum, igual a qualquer outra; à noite se transforma em “Zona” e é nesta que funciona, atualmente, a prostituição mais pobre da cidade.

roupas sumárias que deixavam revelar suas formas. De acordo com os seus frequentadores, os vários objetos decorativos davam um belíssimo aspecto aquele ambiente. Alguns de seus frequentadores falam nos “bons ares” dos requintados bordéis franceses pelo conforto e bom gosto, que neles se encontravam. Era dotado, também, de um gerador de luz a óleo diesel, pois a luz pública deficiente apagava cedo. Havia uma pessoa, contratada pelo “Casino”, exclusivamente para a função de manusear tal máquina. Na época, esse “possante” gerador tinha capacidade de gerar energia para todo um bairro, como por exemplo, o bairro de São José do Pinheiro.

Quanto às suas dependências, além dos salões, havia vinte quartos (sendo dez no andar térreo, e mais dez no primeiro andar), onde damas de várias nacionalidades, inclusive francesa e cubana, recebiam muito bem vestidas seus hóspedes. Esses quartos eram confortáveis e mediam, em média, 5 x 6 m², dispoendo de uma cama e guarda-roupa. Os banheiros eram dois: um masculino e outro feminino. Havia o salão onde aconteciam os *shows* (a exibição de artistas), este tinha espaço para 36 dançarinas. Aos lados, quarenta mesas com quatro cadeiras cada. A parte do cassino funcionava em uma de suas dependências. Nas salas de jogos estavam: Roleta 36, mesa de Ronda (Lasquinê), mesa de Bacará, mesa de Campista, mesa de Esplandim e mesas de pôquer, (Nestas salas, muitos comerciantes ricos de Campina Grande, assim como de toda região, arruinaram-se diante de tal vício.) Tinha, também, palco para os músicos e suas orquestras, as quais tocavam quase sempre o tango, entre o samba, a rumba, os boleros, o jazz e etc.³ Quanto aos inúmeros garçons, estes eram contratados no Recife e em Campina Grande.

O “Cassino Eldorado” foi inaugurado em 1º de julho de 1937. Este acontecimento enriqueceu a vida noturna de Campina Grande, deixando um marco histórico. Os artistas da inauguração foram de nacionalidade russa: “Trotsky and Mary”, e o apresentador foi o próprio Trotsky, em virtude de o “cabaretier” contratado, Catalão (artista do cinema nacional), ter chegado oito dias após a inauguração.

O famoso “Casino” dispunha de mesas reservadas para as autoridades, prefeitos, delegados, juízes, entre outras. Havia temporadas que não restavam mesas; estavam todas

³ Na segunda fase do “Casino”, sob a administração de “Madame” Zefa Tributino, esta conta: “*Como dirigente do ‘Eldorado’, organizei diversas orquestras. A mais famosa, inclusive, foi emprestada ao Campinense Clube. Nessa noite o ‘Eldorado’ silenciou. A orquestra se chamava ‘Jazz Band Pernambucano’ e tinha como componentes: Franz, no violino; Jaime Seixas, no piano; Luiz, no pistom; Daniel, na bateria; Manu, no saxofone e Benedito, no cavaquinho. Contudo, certa noite foi um menino que entrou furtivamente no ‘Eldorado’ e deu um show de pandeiro. O garoto era o meu grande amigo ‘Paulo do Pandeiro’, atual diretor de Futebol do Paulistano [na época]. Paulinho, naquela época, 1940, já devia ter uns 13 anos. Oh menino sapeca! (...) [.* Quanto as músicas tocadas lá. *Tinha tantas que eu nem sei contar. Tangos de Gardel, músicas excelentes por Francisco Alves. E ainda a música que era símbolo da minha vida amorosa com Silva: ‘A Deusa do Casino’.*”

reservadas. O *cassino-cabaré* “explorava” a vida noturna até o dia amanhecer. A fase de ouro dos seus shows foi de 1937 a 1941, onde não parou de trazer artistas famosos; eram atores, cantores, atrizes, cantoras e dançarinas, algumas do cinema nacional, outras da Argentina, do México, mas, havia também artistas que fizeram sucesso no cinema de Hollywood⁴. Segundo algumas memórias, “*o elenco das estrelas que se destacavam pelo seu brilho nas noites do ‘Eldorado’ fazia dele o melhor cabaré do Norte/Nordeste, e um dos melhores do país*”. A orquestra era composta de seis músicos, alguns contratados de outros Estados: no início, o violinista Abílio, o saxofonista Raul Dinoá, o pistonista Zé Bochechinha, o pianista Jaime Seixas, o saxofonista Manu, Jackson do Pandeiro, entre outros. Mas a primeira orquestra foi composta por Hermano Capiba, no piano, Joca Leão, no pistom, Zé Almeida na bateria, Abílio, violino e Raul Dinoá, saxofone.

Quanto aos “*cabaretiês*” (como se chamava na época, o responsável pela animação das pessoas presentes nos cabarés; quem apresentava os artistas, e etc.) que trabalharam no “Casino”, destacaram-se “Catalano” (famoso artista do cinema nacional, vindo do Rio de Janeiro), “Gaúcho” (vindo do Recife), “Príncipe Mário” (vindo da Bahia), e “Silva” (vindo do Recife). Mas, foi Jovelino Farias, o “Gaúcho” (Ver *figura 2.*), que teve maior importância nas noites de boêmia no famoso “Eldorado”, onde exibia suas qualidades de cantor e exímio dançarino de tango (dança que ninguém daquela época sabia praticar, pois a sociedade campinense não conhecia a música nem a dança, principalmente). Sua participação marcou a história do “Casino” e, em parte, de Campina Grande: foi ele quem introduziu (no salão do “Eldorado”) esta dança nesta cidade, juntamente com algumas mulheres do Recife; foi, também, o pioneiro nos “serviços de alto-falantes” na cidade. Todos gostavam dele, apesar de Gaúcho ter trabalhado apenas quatro meses no “Eldorado”.

⁴ Desses artistas “importados” pelo “Casino Eldorado”, alguns saudosistas lembram: do casal de dançarinos russos, “Trotsky and Mary” e da cantora brasileira, “Teda Diamante” (ambos vindos do “Cassino da Urca” do Rio de Janeiro); da famosa atriz e dançarina do cinema nacional, “Sereia Negra”; da cantora argentina e dançarina de tango, “Clarita Dias”; e, entre muitos outros, do casal “Tapia Rubios”, famoso casal mexicano, que veio passar duas noites, terminou ficando um mês, devido ao grande sucesso alcançado. Na despedida deste casal mexicano, eles deram um show fora do “Casino”, no “Cine Teatro Capitólio”, a pedido de famílias campinenses que estavam interessadas em ver esses artistas, já que o “Eldorado”, tratando-se de um *cassino-cabaré*, era um ambiente exclusivamente para homens. Entre esses artistas estavam os cantores: “Orlando Silva”, “Vicente Celestino”, “Silvio Caldas”, “Nelson Gonçalves”, “Carlos Galhardo” e muitos outros.



Figura 2: Gaúcho.

Outro que se destacou também, de forma particular, foi Emídio Pereira Silva (Ver *figura 3.*), mais conhecido como “Silva”. Este, além de desempenhar o papel de *cabaretiêr* e cantor, tomou conta, também, das funções administrativas do estabelecimento, como passando até a contratar os artistas. Emídio Silva nasceu na cidade de Patos, no dia 03 de outubro de 1920, contudo, vivia no Recife, trabalhando como cantor, antes da sua vinda à Campina Grande; diziam que era um excelente cantor. Após o fechamento do “Eldorado”, ele passou a cantar na Rádio Borborema e no Chopp do Alemão, entre outros estabelecimentos da cidade. Entrevistado por nós, Silva relatou:

“Eu vim do Recife, onde cantei muito. Naquela época, eu cantava muito bem. Cantava à noite, ganhava 50 mil réis para cantar um ou dois números. Na época era muito dinheiro. (...) Vim à Campina Grande, através de Jaime Seixas [pianista que fazia parte da orquestra do “Eldorado”], para fazer um estágio de quinze dias no ‘Casino Eldorado’, que na época, era de propriedade de Zefinha Tributino. O pessoal começou a gostar de mim, e de quinze dias, eu passei mais trinta, e assim por diante. Fui o cabaretiêr depois do ‘Príncipe’ Mário. Fui o último cabaretiêr do ‘Casino Eldorado’. Depois de mim, não teve mais nenhum. (...) foi nesse período que surgiu uma grande paixão entre nós dois [com Zefinha Tributino]. Tomei conta de tudo e, por muito tempo, vivemos juntos. Falam que eu dei um abalo financeiro em Zefa, isso é conversa. Zefa tinha, na época, dois amores que eram eu e Monteiro da Farmácia Azevedo, sócio do Dr. João Tavares. Era uma espécie de ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’. Dizia ela: ‘Monteiro era a seriedade, a tradição; eu era a emoção, a boêmia. Dávamos muito bem’ (...) Com o fechamento do ‘Eldorado’, passei a cantar também, na Rádio Borborema, no Chopp do Alemão (lá na parte de baixo). Era uma

coisa linda! Eu era o cantor principal (...) Na época, meu cantor predileto era 'Téo'. Ele não era brasileiro, mas aqui no Brasil, era conhecido como Téo. Até chamavam-me também como Emídio Silva 'imitador de Téo'. (...) Eu também cantei com Orlando Silva, com Nelson Gonçalves, e muitos outros, lá no 'Eldorado'. Inclusive, eu era quem os contratava para se apresentarem lá. Jackson do Pandeiro, fui eu quem o encaminhou para tocar lá; ele não cantava nada. (...). Chegue a viajar de Campina Grande à Manaus, de onde trouxe artistas e 'mulheres' até o Recife e deste para Campina. De Santos, de Natal, também contratei muitas 'mulheres' para o 'Eldorado'. Eu ia buscar, ... tudo por minha conta! (...) [Quanto ao motivo que levou o "Cassino Eldorado" ao declínio] Foi a decadência do comércio de Campina: do algodão, dos minérios. A abertura de muitos cabarés no centro da cidade. Tudo isso contribuiu a abalar o 'Eldorado'(...). Ainda hoje, sinto saudades, como todos que ali frequentaram tem. Basta dizer que para entrar lá, tinha de ser a rigor. As 'mulheres' bem vestidas, a gente tratava com respeito não chamando esse nome 'rapariga', que acho um termo muito baixo. Nós tratávamos todas elas como pessoas humanas. Era uma boêmia sadia”.

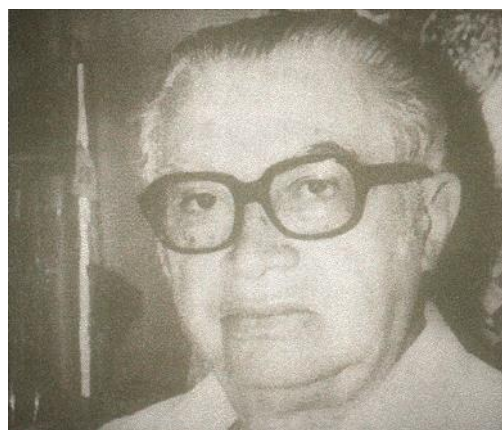
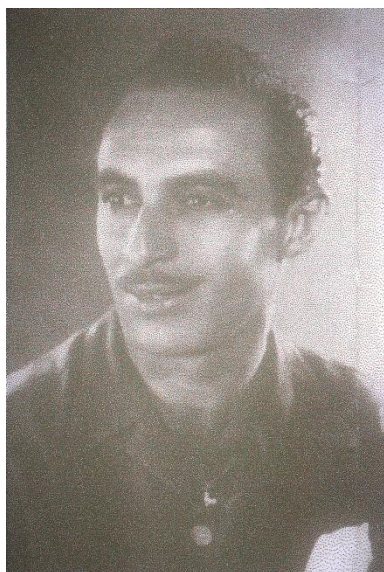


Figura 3: Emídio Pereira Silva. Figura 4: Antônio Pereira de Moraes.

Quando acontecia a exibição de algumas celebridades, o anúncio era feito publicamente, em panfletos bem impressos, e em cartazes postados nos pontos mais destacados da cidade. Apesar de o “Eldorado” ficar situado a uns quinhentos metros da sua concorrente, a “Pensão Moderna”⁵, esta decaiu muito com a inauguração do “Casino”. Na

⁵ A “Pensão Moderna” foi o primeiro estabelecimento de Zefa Tributino; situada primeiramente, na chamada “Rua do Rói Couro” (Antiga Rua Quatro de Outubro, atual Rua Juvino do Ó), posteriormente, transferida para a “Rua das Panelas”, localizada nas mediações da Rua Vila Nova da Rainha (em consequência do desenvolvimento deste “comércio” e da grande afluência de clientes e funcionários. Encerradas as atividades da

época que existia apenas aquela, o intercâmbio de “mulheres” era notável, contudo, com o “Eldorado” tornou-se um verdadeiro deslumbramento. As atrações eram as mais diversas possíveis. As companhias de artistas vinham de todas as partes do país e até do exterior. Nas décadas de 20 e 30, a Era do *Jazz*, que revolucionou os Estados Unidos, teve seus reflexos na vida noturna campinense. Era comum, aos sábados, chegarem carros com placas de João Pessoa, Recife, Natal, e de outras cidades da região; esses boêmios destas cidades vinham assistir os famosos shows do “Eldorado”. Os motivos eram as escassas alternativas de entretenimentos da região e a crescente fama do “Casino”. A exibição de artistas, cantores, dançarinas, músicos e de “mulheres” lindas, com seus belos e caros vestidos de último modelo, comprados à mando da “madame”.

Essas “mulheres” eram trazidas do Recife, do Rio de Janeiro e de outras capitais, havia também, algumas de nacionalidade francesa, cubana e argentina; tudo aquilo fazia a juventude sonhar com o “Eldorado”. Muitos dos seus frequentadores diziam que neste havia as mulheres mais lindas do Norte/Nordeste: “*Mulheres’ estas que nos deixavam com as mãos na cabeça (...) Nós, solteiro na época, vivemos grandes romances naquele famoso ‘Casino’. São coisas que relembramos com muita saudade*”. Alguns destes frequentadores, que foram grandes políticos e homens públicos, iam de dia ver estas “mulheres” para não serem vistos à noite, evitando assim os comentários da população. Quanto a estes nomes preferimos não revelar nenhum, estes pediram-nos para não os revelar, pois “*boêmios guardam segredos*”.

Um exemplo do sonho que o “Eldorado” provocava na juventude está relatado no poema de Antônio Pereira Moraes (Ver *figura 4.*), “*As divinas do ‘Eldorado’*”:

*“Onde então as mulheres graciosas
E de rara beleza como fadas
Que ao som do jazz dançavam, perfumadas,
Como lindas estrelas luminosas?*

*Oh Céus! As borboletas, onde estão,
Que alegraram o jardim de nossa vida?
As ilusões passaram, e esquecida
A imagem que ficou no coração.*

Tão ricas de beleza, aquelas pobres

“Pensão Moderna”, “Madame” Zefa arrendou o “Casino Eldorado”, construído por João Veríssimo para a sua amante Carminha Vilar, depois que estes se separaram.

*Pelo pecado, devem ter um prêmio,
Pelo prazer que deram a um boêmio
Com seu amor e sentimentos nobres.*

*Pecadoras, também sentimentais,
Pois nasceram inocentes criaturas,
Que amargam, do destino, as desventuras
De um preconceito que as fere ainda mais.*

*Se existe paraíso, lá estão.
Ao solitário deram seu amor,
No melhor de sua vida, no esplendor
De um mundo de beleza e sedução”.*

Outro exemplo está relatado na crônica de Francisco Maria Filho, “*O Conselho de Mariola*”. Chico Maria traduziu exatamente o pensamento dos jovens da época sobre o “Eldorado”, no bairro da “Manchúria”:

“Aos dezesseis anos, eu quis conhecer o ‘Casino Eldorado’ no bairro da ‘Manchúria’. Colegas mais afoitos faziam-me inveja, contando a respeito das ‘mulheres’ que viviam ali; seus momentos de prazer, suas aventuras. E eu, cada vez mais, ansioso para ir ao tão comentado cabaré. Precisava antes de tudo, acalmar o grito do sexo dentro de mim. Eu queria ir, precisava ir, mas tinha medo. Medo de que algum ‘chaleira’ fosse dizer ao meu pai. Medo, ainda mais profundo, do Juiz de menor, Doutor Darci Medeiros. Eu ouvia os nomes de ‘Celecina’, ‘Chiquinha 18’, ‘Zerife’, ‘Balalaica’, e ficava triste, a pensar. E o célebre ‘Casino Eldorado’ a mexer com uma vida que apenas começava.

O pistom de ‘Bochechinha’, a bateria de ‘Zé Apolo’, o molejo das ancas de ‘Sereia Negra’ durante a ‘Dança do Perfumador’ bulindo com o pobre e já nervoso estudante. Parecendo um sonho.

Eu precisava ir. Haveria de surgir, urgente, uma saída para o problema que já estava invadido o Pio XI, com uma aprovação no ‘pau do canto’ e as constantes reclamações do Padre Odilon, cada minha ausência do recreio, das brincadeiras com os colegas. Eu vivia num canto, calado, resmungando. A situação ficando cada vez pior. De vez em quando, a presença de ‘Balalaica’, um sonho moreno, gostoso... Somente sonho. Um dia, na ‘Fruteira de Cristino’, avisto, bebendo com Ômega Sodré,

Lopes de Andrade e Doutor Telha, o conhecido boêmio 'Mariola', frequentador inveterado das noites do 'Eldorado', e paixão de muitas 'mulheres'. Eis a salvação, a resposta para minha angústia, pensei. Vencendo certa hesitação inicial, inclusive pela diferença de idade entre nós dois, conto a 'Mariola' todo o meu problema, o meu aperreio. Conto, com a pressa de quem quer desabafar, de quem precisa de uma solução urgente. Ainda hoje, passados tantos anos, guardo toda aquela cena, todos aqueles momentos de expectativa e de emoção. 'Mariola', tirando um trago de Odalisca, abre a boca um riso cínico, aconselhando: 'garoto, para sua idade, o Casino Eldorado oferece a Matinée dos Bigodetes, aos domingos'.

No interior do “Casino”, existiam diversas práticas sociais. Havia diferentes formas de lazer, de diversão social, como o bate-papo, o contar piadas ou os conchavos políticos que se cruzavam nas noites boêmias. Em meio a ceias prolongadas e ao som de músicas animadas, obedecia a todo um ritual de civilidade. Ao lado de encontros e articulações políticas entre homens da elite campinense, as práticas sexuais ilícitas, as aventuras românticas e a circulação dos afetos configuram o prazer que o *cassino-cabaré* proporcionava.

Penetrar no universo social dos frequentadores do “Casino Eldorado” é tarefa difícil. Um mundo onde a semântica do português adquire uma dimensão quase sempre estranha a nossa própria realidade. Dessa forma: “gostar” significava amar sexualmente, de forma contínua; “xeixo” era o não pagamento pelas horas de prazer oferecidas pelas “meninas”; “perder-se” era perder a virgindade; “madame” era como chamava a proprietária e “fada-madrinha” dos cabarés. Naquela época, a influência francesa ditava seus padrões culturais naqueles anos. A “soirée”, por exemplo, era como se chamavam os belos e longos vestidos de noite que aquelas mulheres usavam nas décadas de trinta e quarenta. Havia também os “bacanas” que eram os senhores quase que “feudais” da cultura algodoeira. Eles cobriam as “ninas” de joias e de ornamentos caros e belos. Aquele universo social parecia ser fruto de romances literários. No entanto, tudo isto foi bastante real, exceto para os chamados “lisos” e gigolôs⁶, os quais ficavam só olhando o movimento daquele local.

Quanto à segurança, o “Casino Eldorado” era considerado o que havia de melhor entre todas as outras casas noturnas da época. Em sua portaria (recepção) havia um porteiro, cujo nome chamava-o “Chapéu”. Se algum frequentador entrasse armado, este tinha que

⁶ Naquela época, geralmente pela parte da tarde, apareciam os afamados gigolôs ou “bigodetes”, aqueles rapazes mais jovens que não podiam competir com os “medalhões”. Eram ignorados pelas “donas”: se batiam nas portas dos seus quartos, estas nem lhe davam atenção.

deixar sua arma com aquele⁷. Quanto ao traje requisitado para se entrar no “Casino”, Chapéu barrava qualquer um que não estivesse vestido adequadamente. Um exemplo: o fato que ocorreu com Manuel Duarte, grande produtor de algodão de Sucurú, distrito da cidade de Serra Branca, localizada na região do Cariri paraibano. Este, em uma de suas vindas à Campina Grande para comercializar o produto, foi, à noite, ao “Casino” e nesta ocasião, ocorreu um fato curioso: ele foi barrado na entrada por Chapéu, pelo fato de não estar vestido adequadamente. Insistindo em entrar no *cassino-cabaré*, ele alegou possuir dinheiro suficiente para comprar todo aquele estabelecimento, contudo, ainda não conseguiu entrar, devido às famosas normas daquela casa. Logo decidiu comprar um “traje” adequado, exclusivamente, para poder entrar no cabaré e mostrar que tem poder suficiente (neste caso, econômico) para lá entrar e gastar o suficiente, também, para comprovar a sua posse de “coronel”. Contudo, nem todos os que lá frequentaram tiveram conhecimento de tal história, mas com certeza, tinham conhecimento que para se entrar tinha que estar vestido adequadamente, ou seja, de gravata, paletó, e sapatos limpos: “*para entrar tinham que ser bem-vestidos, se não fosse bem vestido não entrava. Assim, era o ‘Eldorado’*”. Notem que essa exigência selecionava naturalmente os seus frequentadores.

Em sua época de ouro, o “Casino Eldorado” foi o maior centro de atração de toda a região, ostentando um luxo altamente requintado para a cidade. Para se ter uma ideia da elite que frequentava o *cassino-cabaré*, eis alguns relatos extraídos do livro *Memória de Campina Grande*, do jornalista Ronaldo Dinoá. O primeiro trata-se do relato do símbolo mais significativo da tradicional boemia de Campina Grande, *Nathanael Bello* (Ver *figura 5*). Nascido em um sítio localizado entre Campina Grande e Queimadas, em janeiro de 1909, Nathanael Bello, mais conhecido como *Natal* – nas noites campinenses –, é considerado uma página da história de Campina Grande, está integrado às tradições boêmias da cidade. Naquela época, “playboy” era “degas”, usava-se óleo “glostora”, calçava-se sapato “Fox” e vestiam-se ternos caros; tomava-se aguardente “mulata”. Nathanael era o amante das “noites alegres”, a bebida nunca o atraía como os braços de “Maria Garrafada”, umas das grandes damas da noite da época; o que atraía o boêmio eram as danças e as madrugadas intermináveis com outros boêmios. Em sua entrevista a Dinoá, ele relatou:

“Comecei a frequentar os cabarés da época (...) para aprender a dançar e tornar-me um boêmio (...) [sobre a época do “Casino Eldorado”, ele relatou] Eu saí para o Rio de

⁷ Além da figura de chapéu, também trabalhou no “Eldorado”, na parte da segurança, o investigador de polícia (na época, “João Brabo”). Este, junto com chapéu e alguns frequentadores, garantiam a segurança daquele local.

Janeiro no mês de junho de 1937, para resolver negócios; o 'Eldorado', na época, estava em final de construção. Antes de embarcar com destino ao Rio pedia a Carminha Vilar, gerente do 'Eldorado', que me avisasse por telegrama o dia da inauguração, com pelo menos 15 dias. (...). Pedi, também, que reservasse a mesa nº1 para mim. (...). Recebi o telegrama comunicando a data da inauguração. (...). Lembro-me. Foi no dia 16 de julho de 1937. Viajando para Campina, trouxe comigo um boêmio carioca que se chamava Visconde Dolabela Portela. O meu convidado ficou impressionado porque, na época, o melhor cabaré do Rio funcionava no subsolo do Teatro Municipal. Era o Assírio. Era apenas um arremedo de cabaré, comparado ao 'Eldorado'. (...) Naquela época, os frequentadores eram: Tota Ribeiro, Bastinho Simões, Barrinho, Gerson Pimentel, João (Escândalo), Jardelino, Biu Galileu, Pretinho, André Dias, Neco Fernandes, Moacir Tiê, Dr. Telha, Arlindo Cavalcanti e tantos que não me recordo no momento”.

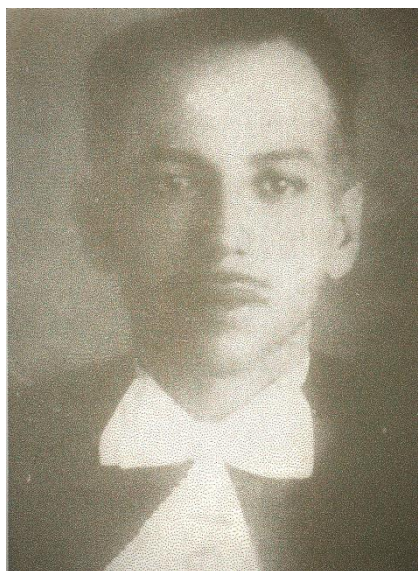


Figura 5: Nathanael Bello.

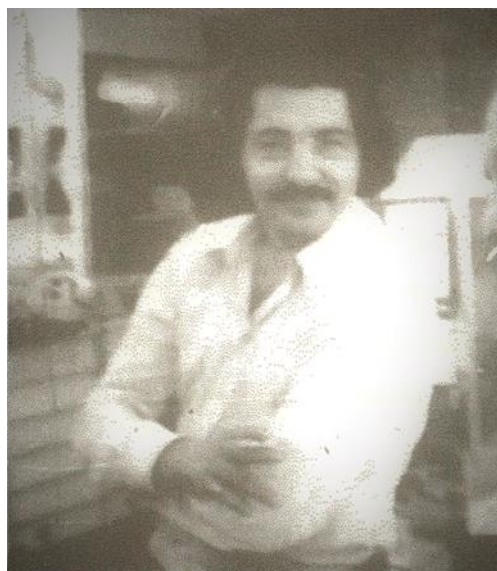


Figura 6: Zito Napy.

Outro relato, também muito importante, é de *Zito Napy* (Ver *figura 6.*), de tradicional família campinense do libanês Napy Charara, que se notabilizou pelo comércio de joias e metais preciosos. Zito Napy nasceu no Recife em 1922, veio para Campina Grande ainda criança, assim como Nathanael Bello. Foi considerado um dos boêmios mais autênticos de todos os tempos. Entrevistado por Dinoá, o cognominado “O Menino do Eldorado” relatou:

“Comecei a frequentar o ‘Eldorado’ ainda de menor idade. [Na época, quem o trouxe para conhecer o “Casino” foi o cabaretier Emídio Silva, que era um grande amigo seu). Naquele tempo, o ‘Eldorado’ abria das sete da noite e ia até às quatro da manhã. Era um movimento fabuloso. A primeira vez que vi o ‘Eldorado’, quis deixar o estudo e o trabalho e ficar morando lá para sempre. (...) era um lugar espetacular, que hoje não se encontra mais. Mesas forradas com belas toalhas e com flores. As mulheres, de várias nacionalidades e todas as partes do Brasil, vestiam-se decentemente. Cada noite era uma “soirée” diferente. O perfume francês era de uso generalizado. O tratamento era repleto de fidalguia. (...) Era a coisa mais linda do mundo, por isso eu disse que queria morar logo lá. As bebidas tomadas lá eram Conhaque cinco estrelas, champanhe francês e uísque escocês. Para se entrar, tinha que ser de gravata, paletó e sapatos bem limpos. E a idade mínima era 18 anos. Na portaria, tinha chapelaria. O uso de perfume era um ‘status’ que ninguém queria desmerecer. Eu comecei a frequentá-lo com 17 anos. O sargento que fiscalizava a entrada de menores me colocou para fora quatro vezes, depois, já cansado disso, permitiu que eu me sentasse numa mesa e me disse: ‘Diga que tem 18 anos, vá cansar o diabo! Quanto ao motivo do requinte do cassino-cabaré era o alto poder aquisitivo do povo. Naquele tempo, imperava o algodão, a pecuária, etc. Não há nem comparação, em beleza, em divertimento, sinceridade. Aliás, hoje não existe mais em parte alguma. (...) A boêmia sadia e os clubes sociais não mais existem. E quanto ao fator indispensável para ser um boêmio, podemos afirmar que o bom boêmio tem que ser um cara agradável, que gosta de se divertir, sem violência, (...) isso é o que é importante. Eu sempre procurei ser assim”.

O terceiro relato, não menos importante do que os anteriores, é de *Moacir Tiê* (Ver *figura 7.*), o “Príncipe das Madrugadas Campinenses”, um dos mais admirados dançarinos de tango das noitadas de boêmia, e assim como Nathanael Belo, inimigo do álcool. Moacir Tiê nasceu aqui mesmo em Campina Grande, em maio de 1918, foi considerado o último boêmio da fase de ouro das noites de Campina. Veja o que ele relatou a Dinoá:

“Inaugurado o ‘Casino Eldorado’, passei a frequentar aquela casa de espetáculo, que era qualquer coisa de fenomenal, sabe? (...) Era a sensação da época. (...) ‘Mulheres’ de várias partes do país compuseram o elenco do ‘Eldorado’. Então, todos os artistas no ‘Cassino da Urca’, do Rio de Janeiro, no ‘Tabaris’, da Bahia e no ‘império’, do Recife [os três maiores cassinos-cabarés da época], vinham para Campina Grande, onde eram contratados pela direção do ‘Casino Eldorado’. Tinha tudo que você imaginasse. (...) Havia ‘mulheres’ bastante educadas, coisa que a gente não vê hoje em dia. (...) Naquela época, as ‘mulheres’ usavam perfume francês, tomavam

champanhe e eram românticas, enquanto que as de hoje não primam pelo guarda-roupa e tomam Rum Montilla com Coca-Cola. (...) [Quanto a sua história] Existiu no 'Casino Eldorado', duas fases realmente felizes, uma na época de Carminha Vilar e outra já no seu final, com Zefa Tributino. Na primeira fase, eu me recordo bem dos frequentadores, como Nathanael Bello, Tota Ribeiro, Gerson e Gilson Pimentel, Vergniaud Wanderley [prefeito da cidade, na época] e muitos outros. Na outra fase, no final, lembro-me de Zito Napy, Newton Napy, Geraldo Alcântara, Zé Fartas, Antônio Hamilton Fechine, Binha, Mariola, Célio Capoteiro, dentre outros.

E quanto à “noitada de amor” naquela época, as brigas, as amizades e saudades, ele ainda relata:

Bem, uma noitada de amor dependia da mulher. Se a pessoa conseguia dormir com qualquer uma delas, custava na base de dois a três mil réis, que significava uma boa soma na época.

Esse valor variou muito com o passar dos anos. Segundo algumas donas da noite o valor do ato sexual, em média, dava para “fazer uma feira” e ainda sobrava. Pagavam-se, por uma noite de amor, cinquenta mil réis, cem mil réis... *Tinha gente que dava até mais de quinhentos mil réis, até mil*”, afirmavam algumas, esclarecendo que a variação do preço se dava em razão da existência de algumas senhoras e do que elas representavam para a clientela da casa:

Para entrar e subir, também dependia muito da mulher. Havia aquelas mais desejadas, como Balalaica, Chiquinha Dezoito, entre outras, que o cachê era mais caro. Aliás, o plantel das mulheres do 'Casino Eldorado' naquela época, era o que havia de melhor na região. Todas elas se vestiam bem, quando saíam do salão e voltaram, era sempre de vestido novo, quer dizer, trocava sempre de roupa, sem repetir, coisa que a gente não vê hoje em dia. (...) A 'transa' daquela época mais procurada pela turma era o 'papai e mamãe'. Esse negócio de sexo oral e anal a gente nem ouvia falar, como também mulher com mulher. No tempo do 'Casino', esse tipo de coisa não existia. (...) [Quanto as brigas] Quase não existia brigas no 'Casino Eldorado'. Quando acontecia, geralmente provocadas por elementos que penetravam no ambiente para criar problemas, os responsáveis eram logo repelidos pelos frequentadores do 'Eldorado'. Tota Ribeiro, por exemplo, homem de temperamento violento e de uma coragem pessoal tremenda, que era até respeitado pela polícia, tomava a frente e expulsava-os. E quanto ao fator indispensável para ser um boêmio,

primeiramente é preciso ter um bom caráter, ter grandes amigos, não procurar fazer o mal a ninguém, viver em paz consigo mesmo, saber criticar e aproveitar a vida. Sinto uma saudade imensa daqueles bons tempos que não voltam mais. Jamais vai surgir um ‘Eldorado’. (...) Foi lá, onde dei os meus primeiros passos de tango, com a dançarina argentina Neném Ney”.

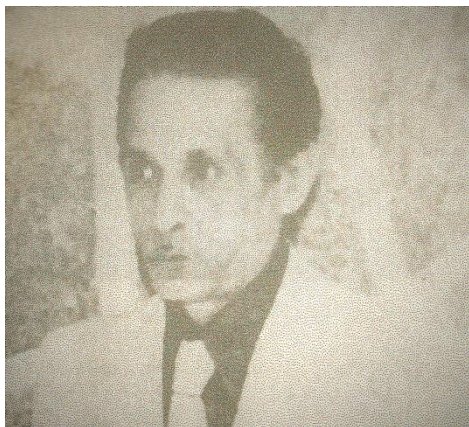


Figura 7: Moacir Tié.



Figura 8: Zefa Tributino

E no que diz respeito às “*donas da noite*”, o elenco das estrelas que se destacavam pelo seu brilho nas noites do “Eldorado”, era o seguinte: *Chiquinha Dezoito, Zezé, Neide, Balalaica, Lourdinha, Mônica, Olguinha; Chiquinha Moreno, Neném Ney, Maria Luiza, Celecina, Maroquinha, Sofia, China, Paraguaita, Safira, Isaurinha, Ana, Isaura*, entre muitas outras. Todas, segundo os frequentadores, “*farfalhantes de seda e coruscantes de joias*”. A vida cotidiana dessas mulheres venais dependia inteiramente de seu *status*, do “Eldorado” e de sua beleza, algumas vindas do Recife, outras do Rio de Janeiro e de outras capitais. Contudo, todas pagavam diárias (contribuíam mensalmente ou avulso) à proprietária pela sua estadia.

Entre elas, *Zefa Tributino, Maria Garrafada e Nina*, deram entrevistas a Ronaldo Dinoá, o qual inclui tais relatos em seu livro *Memórias de Campina Grande*. Dentre esses relatos, é importante citar alguns trechos dessas entrevistas. Primeiramente, citaremos alguns trechos da entrevista com Zefa Tributino (Ver *figura 8*.), a “*Madame Zefa*”, considerada uma mãe pelas meninas”. Ela nasceu em junho de 1900 em Macaparana, Pernambuco, e veio para Campina Grande ainda pequena. Dizem que veio na primeira viagem “histórica” de trem, junto com Nathanael Belo e muitos outros. *Madame Zefa* era considerada uma espécie de

patrimônio de Campina Grande, era “A Deusa do ‘Casino Eldorado’”⁹, foi sua segunda proprietária, arrendou-o de 1942 a 1950¹⁰. Segundo muitos admiradores, homens ilustres da cidade, ela merecia tais méritos, pois foi uma mulher que, através da atividade que exercia, marcou seu tempo. Ela emerge em muitos relatos através de suas boas ações e nobres sentimentos, desfazendo-se, assim, a barreira simbólica que a separava das mulheres “respeitáveis”. Em sua entrevista à Dinoá, ela relatou:

Naquela época, corria dinheiro em Campina. Era o povo do algodão e do minério. Vinha ‘mulher’ de todo canto do Brasil. (...) O ‘Casino Eldorado’ era coisa pra inglês ver. Tinha uma geladeira com capacidade para 1.200 garrafas. Cabiam, no recinto, 100 pessoas sentadas, distribuídas em 40 mesas. Arrendei, naquele tempo, o ‘Casino’ ao finado João Veríssimo, por sessenta contos de réis. Quanto à segurança às vezes o tempo não era pacífico. Era o tempo de Danga, Tota Ribeiro, Pedro Macaco, Manuel Soares, Zé Amaral e outros que a memória esqueceu. Vez por outra, era um tiro, uma punhalada. Lembro-me de Zoroastro Coutinho e Tota Câmara. Lembro-me de Macambira, Omega Sodré e o prefeito Vergniaud Wanderley. (...) Amaury Capiba, Toinho Borges, Gavião Nogueira, Zeca Chabo, Toninho Cabral, Rodrigo, Paulinho Ribeiro, Aluísio Lucena, Natal Belo e muitos outros que não me lembro no momento. A respeito das roupas que as “mulheres” usavam, afirma ser os vestidos compridos e de uma extrema finura. Era uma coisa espetacular, que hoje não se encontra mais”.

É importante observarmos que, segundo esses depoimentos, naqueles tempos as “damas do ‘Eldorado’” eram bem mais vestidas do que as mulheres de hoje, porque agora

⁹ “A Deusa do Casino Eldorado” é uma música escrita por Emídio Silva, a qual ele cantava para a “Madame” Zefa Tributino. Segundo Zefa: “Emídio me conquistou em circunstância interessante e já relatada por um escritor da cidade, que dizia: ‘Era madrugada no Casino Eldorado, tempo frio, a chuva caindo, o salão deserto. Silva começou a cantar a Deusa do Casino, acompanhado por Jaime Seixas ao piano. Ainda hoje, eu não sei explicar. Comecei a ouvir a música e um calor tomou conta de mim, um negócio estranho, invadindo minha alma. Silva me dominando com sua voz e seus gestos. Só me lembro que, no dia seguinte, ao me acordar, na cama, ao meu lado estava Silva, dormindo. Até hoje não sei como foi aquilo”.

¹⁰ O “Casino Eldorado” passou por duas fases distintas: a primeira que vai de 1937 a 1941, sob a administração de Carminha Vilar, e a segunda de 1942 a 1950, a qual o “Casino” foi arrendado à Zefa Tributino. Encerrando as atividades neste, Carminha reabre um novo cabaré (menos sofisticado) na mesma Rua Manuel Pereira de Araújo, contudo foi decaído junto com o movimento daquela conhecida rua. Quanto a “Madame” Zefa, encerrando no “Eldorado”, esta encerrava-se também suas atividades neste tipo de “comércio”. Depois, o prédio (já fechado definitivamente) foi arrendado ao comerciante João Amorim, que já possuía um prédio (estabelecimento comercial) naquela mesma rua. Atualmente o prédio, no qual funcionava aquele famoso *cassino-cabaré*, ainda se encontra em seu poder.

basta colocar uma calça e uma blusa, e pronto, já estão vestidas. Naquele tempo, não, estas usavam chapéu e tudo. E quanto aos homens de antigamente, ninguém usava camisa nem calça esporte como se usa hoje, estes vestiam era gravata, terno de linho, sapatos bem limpos, etc. Havia pessoas na cidade que, no geral, trocavam de roupa três vezes por dia. Naquela época, “o povo se vestia melhor do que hoje”¹¹. Portanto, é importante observarmos que toda essa mentalidade mudou muito.

Dois relatos importantes de duas “damas da noite nos ajudam a compreender melhor a mentalidade do campinense da época. Tratam-se de “*Maria Garrafada*” e “*Nina*”. Maria do Carmo, mais conhecida como *Maria Garrafada*¹² (Ver figura 9.), era considerada por muitos uma tradição pelos relevantes serviços prestados as várias gerações campinenses. Foram inúmeros os alunos de suas “lições de amor”, segundo ela: “*Se eu for botar na conta, não cabe no Amigão*”.

Segundo Chico Maria, em duas de suas crônicas, “*Maria garrafada (A Escola primária do Amor)* e “*O Quarto de Maria*”, relata:

“‘Maria Garrafada’ virou tradição. (...) Foi a ‘Prostituta de Campina Grande’. Virou símbolo (...) se incorporado com muita justiça, ao ‘patrimônio-sentimental’ da cidade. Foram trinta e cinco anos de sexo, de carnal desobediência à Lei e à ‘Polícia de Costumes’. Seu nome está nos lábios do povo. Passou a ser expressão popular. (...) ‘Maria Garrafada’ era disputada fonte de prazer e ciúme. Manchete nos jornais, e Habeas Corpus na justiça. Com o povo, Maria dividiu sua cama. Conhecê-la, em seus mínimos detalhes, era exigência da moda. (...) Maria do mundo. O corpo alvo, de exuberantes curvas no esplendor da juventude. (...) ‘Maria Garrafada’, a ‘Escola Primária do Amor! Ah, lições diferentes... Maria é uma fase da vida de todos nós. Eu vi, ali em seu quarto, a cidade, o comércio, a indústria, as profissões liberais, e outras classes. Maria dormiu com Campina”.

¹¹ Segundo os alfaiates da época, fausto Luiz de Moura e Nestor Bezerra de Melo: “*Antigamente, as pessoas procuravam o alfaiate, tiravam as medidas e voltavam sempre para experimentá-la (...) se não tivesse boa, era recortada até chegar ao ponto. (...) Hoje, não, pois existem fábricas cujas máquinas preparam 500 peças para 500 novos modelos*”.

¹² Na época, essas “mulheres” eram conhecidas por apelidos. “*Maria Garrafada*”, por exemplo, era chamada assim por causa de sua mãe que fazia “*garrafadas*”. Outra “*dona da noite*”, “*Chiquinha Dezoito*”, esta ganhou este nome devido ao fato de que ela levou para o seu quarto (no “*Eldorado*”, ou melhor, para a sua cama) dezoito homens em uma única noite.

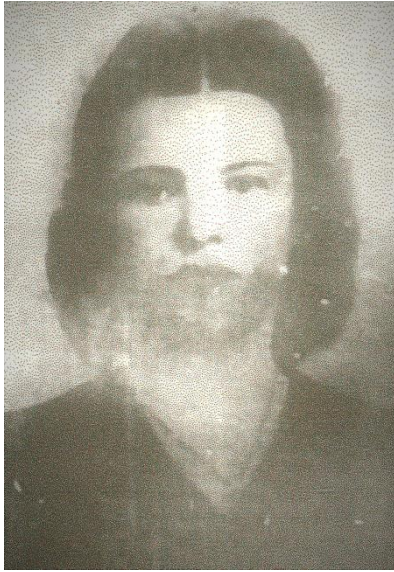


Figura 9: Maria Garrafada.



Figura 10: Nina.

“Maria Garrafada” nasceu em maio de 1926 em Campina Grande e entrou na vida de prostituição desde os 14 anos de idade. Ela não fazia parte do elenco do “Casino Eldorado”, apenas “fazia salão”, frequentava-o em sua primeira fase, no tempo de Carminha Villar. Entrevistada por Dinoá, ela relatou:

“As noitadas campinenses, no seu tempo, eram demais. Todas as noites, o ‘Casino Eldorado’ tinha suas mesas ocupadas. Inclusive, as ‘mulheres’ daquele tempo eram ‘mulheres de linha’, educadas e bem vestidas. Não é como hoje, que são umas degeneradas e, além do mais, o dinheiro daquele tempo tinha outro valor, era dinheiro mesmo! Basta dizer que o ‘Eldorado’ sempre apresentava shows com artistas nacionais e internacionais: cantores, dançarinos e outras atrações. Lembro-me de Gaúcho, dançando tango e apresentando aqueles espetáculos. (...) O carnaval do ‘Eldorado’ era muito bom, a começar pela orquestra. Nesse tempo, eu saía de casa no sábado e só voltava na quarta-feira de cinzas. Usava quatro fantasias, uma para cada dia, me divertia às pampas. Hoje em dia, eu não acho graça nem no carnaval, pois as opções são mínimas e sem graça. Só tem o Paulistano e o Ipiranga que, quando era moça, não ia, quanto mais hoje. (...) [Quanto às posições para a prática do sexo] Era ‘papai e mamãe’, porque naquele tempo não existia cachorrada não. Agora é que nós estamos na devassidão do mundo”.

Assim como “Maria Garrafada”, “Nina”, outra “dama do amor”, enfeitiçou também os homens e desencadeou paixões no “Eldorado” dos anos trinta a quarenta. Severina Carmem de Souza, bem conhecida em Campina Grande como “Nina” (Ver *figura 10.*), nasceu

em Caruaru, Pernambuco, em 1926 e veio para o “Eldorado” em 1940 a convite de Zefa Tributino. Em sua entrevista à Dinoá, ela relatou:

“O ‘Eldorado’ era um ambiente bom, (...) bem frequentado pela sociedade de Campina Grande, por boa gente. Um ambiente luxuoso, pois era o que havia de melhor em matéria de cabaré. Na minha vida, nunca vi igual uma coisa tão gostosa. O traje exigido durante a semana era paletó e gravata. Nos finais de semana, era a rigor. Todo mundo elegante, para tornar o ambiente sadio e bom. Também tinha o comércio do algodão no auge, que ajudava o ‘Casino Eldorado’ a ser uma das melhores casas noturnas do Brasil, naquele tempo. Lá, você não via nenhuma pornografia, de jeito nenhum. (...) A disciplina era muito bacana. As ‘mulheres’ não diziam nome feio e não discutiam com outra. Eram todas de bom comportamento e bem alinhadas. (...) Era o maior respeito do mundo, tinha porteiro e tudo, ambiente de respeito. Aos domingos, tinha até matinê, que começava às três horas da tarde. (...) Os bailes do ‘Eldorado’ terminavam, geralmente, às 2 horas da madrugada. Às vezes, iam até de manhã. Nós, quando terminávamos as noitadas, íamos dormir e acordávamos às 11 horas. Tínhamos que estar bem arrumadas. Nós começávamos a nos arrumar às seis horas da noite, para, às oito horas, estarmos no salão. (...) O vestido era uma ‘soirée’ muito bem feito, bem penteados e sapato alto. [Quanto aos frequentadores] Eram esses comerciantes e ‘coronéis’ da região que tinham grandes posses. Eu tinha um que me cobria de joias, pulseiras de brilhantes, colar de ouro e de tudo que eu precisasse. Naquele tempo as paixões eram demais. Eu não vou negar que tive muitas paixões, mas nada me impedia de trabalhar. Tinha uma que era tão apaixonada que se suicidou. Chamavam-na de Lourdes Futebol. Naquele tempo, havia muita facilidade para se apaixonar. Teve muitas ‘mulheres’ que foram de lá do ‘Casino Eldorado’ que hoje são bem-casadas, donas de casa e boas mães de famílias. Zezé, que foi de meu tempo, é uma delas. Em 1950, eu comecei a gostar de um homem daqui, que já morreu e que não gostaria de revelar seu nome, e deixei a vida. Tive meu primeiro filho, tive o segundo e vivi com ele até que a morte nos separou. [E quanto aos encontros amorosos da época. Naquele tempo, era o ‘papai e mamãe’ e acabou-se a história. Esse negócio de mulher com mulher, como a gente vê hoje em dia, não existia naquela época, não. Eu não sabia nem o que diabo era ‘veado’, naquele tempo. Quanto mais, esse negócio de mulher com mulher. Hoje, o mundo está perdido. É uma esculhambação muito grande”.

Por mais edulcoradas e romantizadas que essas memórias sejam, sugerem que as pessoas se divertiam deliciadas nas noites do “Eldorado”. Contudo, para se avaliar a

influência do “Casino” na vida noturna campinense – e não se pode negar a sua contribuição para o aprimoramento do setor artístico, trazendo músicos, cantores, dançarinas para a variedade dos seus espetáculos – inúmeros nomes da elite que frequentavam as diversões daquele *cassino-cabaré* confirmam tal afirmativa, entre eles: exportadores de algodão, banqueiros, industriais, comerciantes, professores e estudantes, médicos, advogados e juizes de direito, agentes fiscais, jogadores de futebol, músicos, e até mesmo, desembargador e bacharel, entre outros. Antônio Pereira Morais, em uma de suas crônicas, cita alguns nomes de frequentadores do “Casino”, dos quais se lembra:

“Tibúrcio (goleiro de Treze), Perón (estudante, hoje fazendeiro) Binha (industrial em Goiana), Wilson Leitão, Alonso Arruda, Pinta Cega, Lala Zelaquet, Mano Vieira, Zé Mamão Gaudêncio, Jiló, Zé Bezerra, Valmir Borborema, Crendo Borborema (fiscal de rendas no Rio de Janeiro), Valdir Borborema, Toinho Bodoque, Toinho Cabral, Agnaldo Barros (Barrinho), Otacílio Timóteo (bacharel), Bisquilha Eloi, Anderson Eloi, Severino Nonato, Chiquinho Castro (da Delegacia Fiscal), Anastácio H. Melo (juiz de direito no Rio de Janeiro), Emílio Farias (desembargador), Mário Bacorinho (comerciante em Recife) Capitão Ciraulo (poeta), Zé Augusto (banqueiro), Nilo Tavares, Pedro Melo (Chibata, funcionário do IAPC), Arnoud Pedrosa (Máscara de Pinto), João Araújo (exportador de algodão), Grimoaldo Araújo (médico), Joãozinho Araújo Filho (exportador de algodão,) Raul Pequeno (do ramo de algodão), João Castro Bolão (do ramo de algodão), Claudino Colaço (do ramo de algodão), Cristiano Colaço (funcionário do Banco do Brasil), Wilson Câmara (agente fiscal), José Barreto, Tota Barreto e Dinaldo Barreto (irmão, Correios), Hélio Labert (advogado do Banco do Brasil), Cláudio Pereira dos Santos (Canaú), Cláudio Porto (advogado), Pedro Clementino (Baiacú), Arnaldo Gomes, Sabão (ramo do algodão), Levi Borborema (professor), Silveira Dantas (exportador de algodão), Simplício Clemente (do futebol), Pedro Ataíde Macaco (do saneamento e do futebol), Mozart (do ramo musical, afinação de pianos), Rossini Lira Mancha (classificador de algodão), Severino Alves (fiscal do trabalho), Edésio Alvez (G. Livros), Nelson Alves (Banco do Brasil), Dequinha Barreto (Correios), Aguinaldo Belo (Cabo Naga), Dr. Antônio Telha, Fernando Lobo”.

Tivemos ainda “grandes” nomes ligados Ciclo do Algodão, que não foram citados acima; foram frequentadores do “Casino Eldorado”: o chamado “papa do algodão”, Demóstenes Barbosa (segundo muitos, o maior comerciante do produto que a cidade já conheceu e um dos maiores do país; ver *figura 11.*); Zumba Monteiro; Zé de Brito, José

Gadelha; J. C. Arruda e Alberto Santos. Ligados ao comércio em geral, temos ainda: Olívio Rique; Virgílio Maracajá; Manoel Pedro; Moço Amorim; Manuel Patrício; Luiz Motta e Geraldo Dias (sendo estes dois últimos grandes industriais). Quanto aos políticos, tivemos: Vergniaud Wanderley e Veneziano Vital do Rego, entre outros. Houve também “tipos populares” da época, como: Zé de Quinca; Raul Pequeno; Zeca Chabo e etc. Foram inúmeros os seus frequentadores.



Figura 11: Demóstenes Barbosa.

Naquela época, era comum, a presença de “coronéis”¹³, recém-chegados do interior, que deslumbravam-se com o visual moderno que coloria seus olhos e com as promissoras perspectivas que concretizarem sonhos acalantados, ao lado dessas “mulheres alegres do Eldorado”. Estas se embelezavam com as últimas modas trazidas de Paris, junto com novos hábitos do “mundo do prazer”, que excitavam, além destes, a imaginação de toda a alta sociedade campinense e demais frequentadores, ansiosos para vivenciar os costumes modernos e conhecer as novidades artísticas que ali chegavam. Esse clima de excitação e deslumbramento caracterizava as noites do “Casino”.

Chico Maria, em sua crônica *Moacir Tiê, o Príncipe do Tango*, nos narra uma recordação de um frequentador do “Eldorado”, Olívio Rique:

“É madrugada no ‘Cabaré de Chico Tamancão’. (...) A presença de ‘Gaúcho’ [um dos famosos cabaretiês do “Casino Eldorado”] faz o industrial Olívio Rique, mais conhecido nas rodas de boêmia pelo nome de ‘Berro D’água’ Rique, recordar as

¹³ Esses homens de grandes posses gastavam muito dinheiro com essas “mulheres”, cobriam-nas de joias, pulseiras de brilhantes, colares de ouro etc.

grandes noitadas no célebre 'Eldorado'. Ele não consegue esconder a emoção ao descrever para o economista Arlindo Almeida, o jornalista Marconi Góis, o empresário Geraldo Dias, o banqueiro Nivaldo Rique, os momentos por ele vividos no auge do famoso e agitado cabaré. A saudade faz com que ele transporte para o salão, naquela noite, todo o mundo da 'Manchúria'. Suas palavras têm um tom nostálgico. O grande boêmio apresenta, ali, bem vivas, as mulheres que escreveram, com ciúme e paixão, a história do jamais esquecido 'Casino'. Lá vai, por entre as mesas, rebolando os quadris bem feitos, a provocar desejos, 'Balalaica', morena, o jeito de dengo. Ali estão todas as 'mulheres'. Ali estão todos os 'gigolôs'. Os vestidos longos, dançando no amplo e bem iluminado salão, mal escondendo as curvas bem-feitas de mulheres que marcaram uma época, 'Chiquinha 18', Nana, Celicina, Xerife, Olívio parece escutar a voz malandra do 'Príncipe Mário', anunciando 'Sereia Negra' na 'Dança do Perfumador'. O 'pistom' de 'Chico Bochechinha', e o piano de Mozart. A voz calma do 'garçom' Aparício, oferecendo a teutônica gelada. A figura humilde de 'Chapéu', logo à entrada do suntuoso cabaré. O 'Eldorado' mais parecendo uma festa de luz, com seus valentes, com suas brigas. Os viajantes. Os 'bigodetes', nas tardes de Domingo, em suas matinês: a 'Matinée dos Bigodetes'. As aventuras de 'Tota Barão', 'mariola', 'Passo Triste', 'Ilo de Nereu', 'Pedro Macaco', 'Zezé Buchudo', 'Nathanael Belo', Zé Honório. As noites de ciúme e de sangue. Tota Ribeiro¹⁴, 'Mané Soares', 'Zoroastro', verdadeiros donos das noites, valentes que escreveram, nas madrugadas sem lei, inquéritos jamais concluídos. O industrial Olívio Rique, no rosto carregado de tantas vidas, a emoção de quem revive momentos fincados dentro da alma. Alma de boêmio, a lembrar o famoso 'Casino Eldorado', no Bairro da Manchúria, ali presente, pelo milagre eterno da saudade".

Portanto, o motivo do requinte do "Eldorado" estava bem claro: era o alto poder aquisitivo do povo. Naquele tempo, imperava o algodão, a pecuária etc., e com o declínio da economia campinense, o "Casino" sentia seus efeitos. Com o passar dos anos, a palavra cabaré começava a tornar-se definitivamente uma coisa do passado – arcaísmo. E sobre a decadência das noitadas campinenses, Nathanael Belo e Moacir Tiê relatam à Dinoá:

"Campina Grande foi se desenvolvendo, apareceram outras diversões, como boates, rádios, cinemas mais modernos, os auditórios das rádios, até chegar aos tempos atuais com a televisão. Quero registrar que os divertimentos dos velhos tempos não

¹⁴ Segundo Emídio Silva: "Certa noite, Tota Ribeiro veio tentar matar Zeza. Queria matar ela lá dentro. Zeza deitou no balcão, ele colocou um revólver nela, jurou matá-la. Tudo por ciúme. Besteira! Ciúme de 'mulher'. Sabe como é? Bobagem! E outra vez, Zeza também queria matá-lo. Mas nunca chegou nesse ponto".

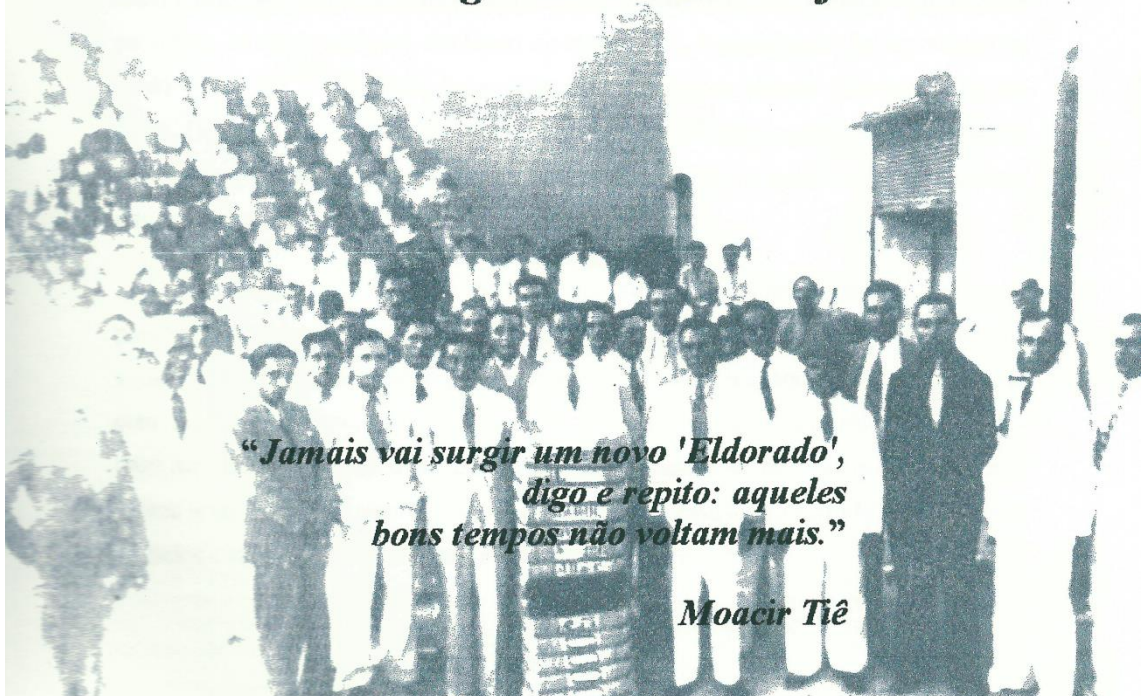
eram como agora, quando os rapazes e moças não dançam certo. Acho que as danças de hoje são imitações de danças de terreiro” [Nathanael Belo].

“O fracasso dos velhos cabarés da rua Manuel Pereira de Araújo, veio mais com a queda do comércio de algodão, com o desaparecimento do ‘Casino Eldorado’, etc. Com o fracasso da vida noturna da rua Manuel Pereira de Araújo, os cabarés foram, na sua maioria, transferidos para o centro da cidade, onde pontificavam dois deles: Baiana e Dorinha, principalmente o de Baiana que, apesar de ter temperamento forte, sabia investir na sua casa. Depois a Unidade Moreninha, que também teve seu auge, e os de segunda, como Zé Garçom e Doca já no fim” [Moacir Tiê].

Segundo Nathanael Belo e Moacir Tiê, o termo prostituta, assim como a palavra meretriz, foi abolido do dicionário social e com essa mudança, o “Eldorado” agonizava, sem um Gaúcho, sem os seus inúmeros boêmios de antigamente, sem falar no declínio do comércio do algodão, que tanto contribuiu para a vida noturna da cidade. O grande auge desse *cassino-cabaré* durou até o início de 1940, depois, foi caindo assim como o comércio de algodão na cidade. Algumas casas noturnas foram sendo instaladas no centro da cidade, mais precisamente nas ruas das Boninas. O apogeu do “Eldorado” já era coisa do passado. A “*farra*” mudava de local, localizava-se agora no centro da cidade, onde destacaram-se (entre muitos outros), primeiramente, o Cabaré de “Baiana” que despontava no horizonte da fama, o de “Dorinha”, o Cabaré de “Lourdes”, o de “China”, depois, a “Unidade Moreninha” e, por último, o “Cabaré de Zé Garçom”, e o de “Doca”. E, em alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1950, o “Casino Eldorado” deixava de funcionar completamente.



***GLÓRIA, DECADÊNCIA E MUDANÇA:
O comércio do algodão e outras influências.***



*“Jamais vai surgir um novo 'Eldorado',
digo e repito: aqueles
bons tempos não voltam mais.”*

Moacir Tiê

No Brasil, as atividades econômicas, desde o início da colonização, foram predominantemente dirigidas para a exportação. Essa orientação decorreu da situação colonial e dos interesses dominantes do sistema econômico da época, o mercantilismo. Mesmo depois da Independência e do abandono ou superação deste, o início do Século XIX, a orientação da economia para o exterior se manteve, e a exportação continuou a ser à base da renda nacional. Ao longo do Século XIX, a participação da exportação na renda global foi se reduzindo lentamente, mas manteve-se elevada principalmente até 1930. De então em diante, esse declínio acentuou-se, sendo que hoje as exportações representam menos de 10% do Produto Interno Bruto (PIB), o que nos caracteriza como um país de economia fechada.

No decorrer de mais de quatrocentos anos, a economia brasileira funcionou predominantemente como reflexo dos interesses externos, reagindo aos estímulos vindos de fora. Essa orientação para o exterior conduziu à implantação da monocultura, com expansão e exportação centradas no produto de maior rentabilidade em certo momento histórico. Essa dependência se reflete claramente nos ciclos econômicos – alguns grandes, outros menores –, que caracterizam esse longo período. Foram vários os ciclos e subciclos que marcaram a vida brasileira.

Contudo, é com o ciclo do algodão que devemos nos preocupar pelo fato da história do “Casino Eldorado” – o seu surgimento e auge –, queira ou não, está intimamente ligado ao comércio do algodão. A questão cultural está totalmente relacionada à questão econômica. Durante esse ciclo, Campina Grande passou por uma fase de acentuado desenvolvimento: o grande fluxo deste comércio atraía comerciantes de várias partes do país, fazendo da cidade a praça algodoeira mais importante do Nordeste, ou melhor, do país. Desde 1925, este comércio ocupava o primeiro nas exportações, atingindo em 1929 seu volume máximo, passando a escoar preferencialmente para os mercados europeus. Por volta de 1937 – ano da inauguração do “Eldorado” –, a cidade possuía cerca de quarenta mil habitantes e alguns estabelecimentos

de crédito que realizavam grandes transações financeiras para qualquer parte do mundo. Até meados da década de 1940, a cidade era considerada como a terceira (ou até mesmo a segunda) maior praça algodoeira do mundo – muitos afirmam que Campina Grande, nos aos trinta e quarenta, chegou a dividir juntamente com Liverpool (Inglaterra), o primeiro lugar no comércio algodoeiro internacional. O jornalista William Tejo fala-nos que: “*Campina Grande era uma cidade muito conhecida no País e mesmo lá fora por causa do seu forte comércio de algodão*”¹. Campina cresceu a passos largos atraindo um grande contingente populacional.

De início, não sendo ainda a principal atividade econômica, a cultura algodoeira ajudou a consolidar Campina Grande como centro mercantil e, à medida que crescia o seu mercado, foram surgindo prensas, empórios e compradores dos mais distantes lugares. Esse comércio na cidade teve seus grandes momentos nas décadas de 20 a 40 e início da década de 50. Segundo alguns comerciantes de algodão da época, a “extinção” desse comércio foi atribuída aos impostos, que foram ficando mais altos, às rodovias (para toda a região do Cariri e do Sertão) que ficaram quase todas pavimentadas, e o aparecimento (aquisição) de prensas nas cidades do interior². Além disso, a cultura algodão, tradicionalmente nordestina, difundiu-se pelo Estado de São Paulo, beneficiada pelo Instituto Agrônomo de Campinas, cujos pesquisadores obtiveram uma fibra longa e muito resistente. Com a queda da comercialização do algodão nordestino, alguns departamentos encarregados dessa comercialização foram retirados de Campina Grande. Portanto, tudo isso contribuindo para o declínio do comércio de algodão em Campina Grande e, conseqüentemente, com a queda da vida noturna da cidade. Sem dúvida alguma, o “Casino Eldorado” estava intimamente ligado ao desenvolvimento comercial da cidade, e este, estava ligado a esse “grande” comércio; pois o algodão foi o grande responsável pelo desenvolvimento no setor social, assim como pelo sustentáculo da nossa economia.

Contudo, na década de 1920, esse comércio de algodão estava no seu apogeu e a cidade de Campina Grande, retornarmos a falar, era vista como praça algodoeira mais importante do Brasil. Havia cerca de 40 firmas estabelecidas pela “Rua das Areias” (atual João Pessoa, ver *figura 1.*), “Largo do Rosário” (hoje, Praça da Bandeira), “Praça do

¹ Segundo o ex-exportador de algodão Otacílio Barbosa (filho do maior exportador do produto que Campina Grande já conheceu: Demóstenes Barbosa), um dos motivos da extinção desse comércio foi às facilidades dos meios de transporte, fazendo com que os comerciantes de algodão começassem a comprar e vender diretamente ao Sul do país, sem precisar do intermediário de Campina Grande. Portanto, depois dessa “abertura” das comunicações, segundo Otacílio, o fluxo de algodão transferiu-se, normalmente, para o sul do país.

² Naquele tempo, todo o algodão convergia para Campina Grande por causas das prensas. Estas pegavam os fardos pequenos e transformavam em fardos de grandes intensidades, e isto era por demais interessante para os fretes a bordo, que eram cobrados de acordo com a cubagem. E quando as cidades do interior, estas começaram a adquirir também suas prensas, a convergência em torno de Campina Grande começou a cair naturalmente.

Algodão”³ (atual Rua Marquês do Herval), antiga “Rua do Progresso” e pelo Açude Velho. Entre estas, havia apenas três empresas (filiais) que não eram da cidade: a “S.A. Wharton Pedrosa”; a “Companhia Parahybana de Beneficiamento de Prensagem de Algodão”, com sede na cidade da Parahyba (atual cidade de “João Pessoa”), a princípio, esta era mais bem instalada, com prensagem nas proximidades do Açude Velho; e a “Anderson Clayton & Cia.”. No início, os grandes algodoeiros da região – deduzindo que esta última não teria condições de competir com eles próprios – ignoraram-na pelo tamanho modesto de seu estabelecimento, porém, espalhou-se rapidamente o poder econômico multinacional que estava por trás desta.



Figura 1: Rua das Areias, atual Rua João Pessoa.

A firma (filial) norte-americana, obedecendo a ordens externas, mandava os lucros obtidos no algodão para sua matriz nos Estados Unidos, e lá reinvestiam com absoluta experiência. Os comerciantes locais, com os lucros obtidos no algodão, construíam seus armazéns, suas residências ou compravam alguns sítios e criavam gado: a riqueza ficava aqui mesmo, não deixando de ser um dinheiro estático, inativo (porque não havia, como hoje, as aplicações em papel de crédito, o que, naturalmente, os tornaria mais poderosos). Eles iludiram-se com a aparência daquelas humildes instalações, na verdade, quem comprava o algodão eram poderosos capitalistas nos E.U.A., que pagavam melhor e na hora, em cheque. A maioria do comércio local negociava em consignação, como comissários, mantendo esta corrente com os seus fornecedores do interior. A Anderson Clayton & Cia. começava a tomar

³ A *Praça do Algodão* era o centro da cultura algodoeira, ao longo desta havia grandes e pequenos armazéns; fardos e mais fardos de algodão eram expostos ao ar livre à espera de compradores/exportadores; o algodão, produto de valor na época, ajudou Campina Grande a ingressar no âmbito de destacadas cidades nordestinas.

os pontos estratégicos e instalaram uma prensa hidráulica na cidade de Patos. E os comerciantes, que no início zombaram daquela instalação humilde, começaram a perder espaço para ela, e logo, foram incorporados pela empresa norte-americana.

Um outro ponto importante a ser levantado, para melhor compreendermos a história do “Casino Eldorado”, é a influência que teve as duas Grandes Guerras Mundiais: à medida que a Primeira Guerra Mundial colaborou para o seu desenvolvimento e auge, a Segunda Guerra lançou as bases para o seu declínio e fim.

Desde a Primeira Guerra Mundial, em que muitas nações sucumbiram por falta de condições materiais para suportarem o conflito. Muitas das matérias primas essenciais a um planejamento bélico estavam localizadas no Nordeste brasileiro. Nesta época, o Ministério da Agricultura instalou em Campina Grande a sede da “Divisão do Fomento Liberal”, e montou o “Laboratório de Produção Mineral” para a análise de fomento mineral, e montou o “Laboratório de Produção Mineral” para análise de minérios. Campina Grande, um dos polos centralizados da região, absorvia em grande quantidade, os lucros proporcionados por tal situação. O meio circulante de nossa cidade era enorme e boa parte permanecia aqui mesmo. Ainda não existiam os produtos “supérfluos” – a especulação imobiliária é coisa da atualidade. Naquela época, a *sociedade de consumo* não se igualava com a existente hoje. É por tudo isso que Campina Grande podia se dar ao luxo de possuir o maior e melhor *cassino-cabaré* do Norte/Nordeste do Brasil, perdendo por pontos para seu congênere: o “Cassino da Urca” do Rio de Janeiro.

Mais tarde, o “Eldorado” passaria a sofrer com a segunda Guerra. O fato é que o período da Guerra afetou o colosso e o fez decair bastante. Nas regiões em guerra, o anonimato, os deslocamentos frequentes, o desejo do gozo rápido, sem entraves, provocaram a criação de “casas de tolerância” que foram muito prósperas neste período. A guerra traz mudanças, perturba profundamente o comportamento sexual dos homens que, até o momento, haviam observado a fidelidade conjugal, sabendo-se expostos aos perigos de morte contínuos, esqueceram a prudência dos tempos de paz. O contágio venéreo resultou de encontros fáceis e suspeitos que estes homens, durante a vida civil, evitaram cuidadosamente. Essa intensa atividade sexual foi acompanhada de um grande aumento no número de doenças venéreas: observa-se um crescimento de mais de dois terços de sífilis entre a população masculina.

É importante percebermos que a Segunda Guerra Mundial, de cujo efeito o “Casino” não podia ficar isento, trouxe também para Campina Grande dificuldades de toda maneira. Diminuíram os transportes para o interior e litoral e desapareceu o tabelamento dos gêneros de primeira necessidade, estimulando a alta dos preços e o mercado negro da cidade. E em

1946, o “Eldorado” sofreria um forte golpe, o então presidente da república, Eurico Gaspar Dutra, outorga uma lei proibindo “jogos de azar” em todo o país. Desta em diante, o “Casino Eldorado” passava de *cassino-cabaré* à apenas *cabaré*. Desaparecendo à parte do *cassino*, o seu movimento caiu muito, pois desapareceram, também, os muitos frequentadores daquelas rodas de jogo. Restava, agora, apenas à parte do *cabaré*. Tudo isso concorreu para abalar a frequência do “Eldorado”. A vida social campinense foi mudando. Naqueles salões havia a atração de belas mulheres, havia dança, exhibições de cantores e dançarinas, havia mais diversão do que mesmo o puro sexualismo. A prática do sexo era uma decorrência natural e lógica daquele ambiente de sonhos da mocidade.

Com a chegada e permanência de uma unidade do Exército que ficou sediada na cidade, o movimento da vida noturna campinense arrefeceu muito, e o “Eldorado” já não era mais aquele ambiente alegre e aprazível, cobiçado pela mocidade. O ambiente tornou-se, como diziam na época, “*um pouco carregado*” e muita gente foi afastando-se. E o automóvel foi à saída, a opção preferida pelos namorados para romances clandestinos. O automóvel foi, realmente, o pêndulo da mudança: era o instrumento que conduzia os casais de namorados para a prática do sexo. O uso do automóvel para encontros de romances proibidos, em lugares desertos, resultou em vários crimes de homicídios, como aconteceu a um casal de destaque da sociedade campinense, que foi trucidado, não se soube por quem. Segundo o cronista e poeta Antônio Pereira Morais, era um dentista, casado, que mantinha um romance com uma senhora, também casada, da elite campinense. Outro casal também foi surpreendido, num automóvel, nas imediações do estádio “Amigão”, do qual saiu gravemente feridos à bala um advogado casado, que estava em romance com mulher, que era também da elite campinense. Nos lugares desertos ou de pouco movimento, havia grande número de carros, estacionados a certa distância um do outro, que parecia ser um verdadeiro *drive-in*. O carro agora continua sendo usado para o mesmo fim, mas, com mais segurança; fica dentro do motel. Há menos perigo para os encontros amorosos. Assim, os anos foram se passando e a mentalidade campinense vai mudando. O cronista Antônio Pereira de Morais, em seu livro “*Vi, ouvi e senti*”, relata:

“O que está em voga é a boate, o motel. A boate é a sala de visita do motel. O termo prostituta foi abolido do dicionário social, e também a palavra meretriz. Essas palavras arcaicas não se podem mais aplicar à mulher. A mulher agora é mulher diferente; é quase emancipada. Quando muito, pode-se dizer que é mulher solteira. O divórcio lhe conferiu esse status. O nosso Direito Civil e Penal também conferiu outro

privilégio: o adultério. E ela agora pode se vingar do marido mulherengo, sem brigas, ele vai pagar na mesma moeda. A traição está oficializada, o marido que se cuide”.

Portanto, a palavra *cabaré* começava a tornar-se definitivamente coisa do passado. Campina Grande desenvolvia-se cada vez mais, apareceram outras diversões, como as boates, os cinemas modernos, as rádios e seus programas de auditórios, até chegar aos tempos atuais coma a televisão. O declínio do “Eldorado” foi marcado por tudo isso.

Hoje, o “Casino Eldorado” ressurgiu, embora virtualmente (sob coordenação do cenógrafo Keller Veiga, juntamente com o trabalho de artistas plásticos, marceneiros, pintores e cenotécnicos, entre outros profissionais envolvidos), durante o “*Maior São João do Mundo*” de Campina Grande, no arraial cenográfico “Hilton Motta” ao “*Parque do Povo*”⁴, porém sem vida e sem o seu brilho e espetáculo e outrora.

⁴ O *Parque do Povo* é uma arena de 42 mil metros quadrados, onde o “*Maior São João do Mundo*” se realiza. Ali instalam 300 barracas – estruturas que abrigam bares e restaurantes; um grande palco para shows; um tablado, para a apresentação dos grupos de dança folclórica e quadrilhas juninas; além de 04 palhoças, ou ilhas, de forró. A integração das três áreas distintas do Parque do Povo – arraial “Luiz Gonzaga” (área superior), pirâmide (forró-dromo) e arraial “Hilton Motta” (parte baixa) – promove um grande espetáculo visual através da utilização de elementos cenográficos e efeitos de iluminação.

CONCLUSÃO

Para aqueles que conhecem a história de Campina Grande, é fácil constatar a enorme importância econômica, política e cultural que o algodão trouxe para a cidade. Durante este ciclo, Campina Grande passou por uma fase de acentuado desenvolvimento: o grande fluxo do comércio de algodão atraía comerciantes de várias partes do país, fazendo desta cidade a praça algodoeira mais importante do Nordeste, ou melhor, do país. Na “Praça do Algodão” (atual Rua Marques do Erval) estavam amontoados os fardos de algodão que pareciam verdadeiros monumentos no meio da rua (conforme vemos nas fotografias do passado), foram estes os alicerces da riqueza e da fama da cidade, a qual estava se transformando, crescia, embelezava-se. O algodão teve tamanha importância que Campina chegou a ter o maior e mais importante *cassino-cabaré* do Norte/Nordeste, o célebre “Casino Eldorado” fruto direto do comércio expansionista algodoeiro. É gente de muito dinheiro, na época, frequentava-o nas suas horas de folga.

Foi diante deste quadro, que João Veríssimo de Souza e Carminha Vilar inauguraram o “Casino Eldorado”, que se tornaria um acontecimento que deixava um marco histórico na vida social de Campina Grande. João Veríssimo sonhava em um lugar onde pudessem explorar o ramo do jogo (que passava pela fase áurea) em suas várias modalidades. Mas para tanto, a atração do jogo seria mais agradável com a presença de lindas mulheres e de boa música. E Carminha Vilar, considerada uma grande mulher pela sociedade campinense, imaginou que em Campina Grande faltava um grande estabelecimento, destinado não só à elite algodoeira enriquecida como também toda a alta sociedade campinense, que passava por um momento de profundas mudanças econômicas e sociais; uma casa com grandes mulheres e boa música. E, assim surgiu aquele *cassino-cabaré*, sonho – tanto de João Veríssimo como de Carminha Vilar – que se tornou realidade e foi o marco de acontecimentos que logo transpôs as nossas fronteiras tornando-se um dos principais pontos de encontro da elite campinense,

interessada na prostituição de luxo e nas formas de sociabilidade aí vivenciadas – dentro dos mais refinados códigos de conduta –, dando fama a Campina Grande.

O “Casino Eldorado” foi, assim como os grandes *cassinos-cabarés* de sua época, um empreendimento capitalista moderno – uma máquina capitalista bem montada. Afinal, eles são característicos de uma época que se pretende adiantada e que investe na noção de progresso. Os homens da alta sociedade campinense procuravam ali ostentar sua boa condição social e dar provas dos sucessos financeiros obtidos, revelando aos olhares curiosos a possibilidade de conquistar uma “dama da noite” mascarada, tomar champanhe francês e etc. Não houve apenas uma busca pela satisfação sexual nessa reunião orgiástica; houve todo um jogo de trocas entre as pessoas, circulação de informações, difusão de códigos, construindo e reforçando um plano de referenciação simbólica da sociedade para si mesma.

Contudo, ao relembarmos da época dos “cabarés” de Campina Grande, não podemos deixar de acentuar o que representou a outra face da moeda, aquela que está encoberta pela satisfação das noites de prazer, pela vaidade masculina satisfeita: as brigas e os crimes; o orgulho que cada “musa” tinha de atrair mais homens; enfim, por todas as alegrias que a carne oferece, mas não garante. Virar a moeda é o mais difícil, pois o lado escondido não é o fictício. As verdades nele contida emergem com cores bem vivas, revelando todas as fragilidades humanas e todas as suas feridas. Foi naquela saudosa Rua Manoel Pereira de Araújo que funcionava um esplendoroso mercado de luxúrias que sobrevivia graças à um tipo de comércio confiscado pelas “leis divinas”, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos homens.

Hoje, o “Casino Eldorado”, ou melhor, o que restou dele, encontra-se em uma condição deplorável. As marcas do abandono e da destruição estão, logo de início, impregnadas em sua fachada. A maior parte de sua estrutura encontra-se bastante destruída: dos seus dois pavimentos, um nada mais tem, como o piso e os detalhes decorativos do ambiente. No primeiro andar, as paredes que separavam os quartos foram removidas dando lugar à uma única área; no andar térreo, nos dois imensos salões (no primeiro, onde corriam os *shows*; no segundo, onde se localizava o bar), o tempo mostra as suas marcas de destruição e abandono, nestes não existe nem mais seus tetos. Quanto à dependência onde funcionava o cassino, esta não faz mais parte do prédio, pois foi ocupada para outros fins. O “Eldorado”, hoje, não passa de um antigo prédio entregue aos efeitos nocivos do tempo e do esquecimento, por parte do poder público.

Porém, suas estruturas abandonadas guardam a memória coletiva de Campina Grande que precisa ser mantida viva: uma memória coletiva que precisa passar para o futuro os

indicadores da formação cultural campinense. O seu estilo *Art Déco*, mas que um patrimônio histórico-arquitetônico, é uma testemunha ocular do capítulo mais importante de Campina Grande, *O Ciclo do Algodão*. Fenômeno econômico que consolidou a cidade como entreposto comercial e um dos mais importantes centros de aglutinação de cultura e das artes no Nordeste. Como diz Eptácio Soares, “*Campina Grande é uma cidade sem memória*”. Portanto, devemos mobilizar-nos em relação ao seu tombamento, assim, evitando uma possível destruição ou mutilação futura (mais acentuada) e preservando a memória artística, histórica e arquitetônica daquele grande *cassino-cabaré* que foi o “Casino Eldorado”.

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. **Os Bordéis Franceses, 1830-1930**. São Paulo, Companhia das Letras / Círculo do Livro, 1991. (Série *A Vida Cotidiana*)
- ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. João Pessoa; Editora Universitária / UFPB, 1979.
- BAUDELAIRE, Charles. **A Modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1988.
- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Rio de Janeiro; Editora Nova Fronteira, 1985.
- BRUM, Argemiro J. **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Petrópolis; Vozes, 1998.
- CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande; Editora Caravela, 1998. (Coleção Escritores Campinenses)
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro; Graal, 1999.
- DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. Volumes 1 e 2. João Pessoa; A União Editora, 1983.
- FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade**. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo; Graal.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo; UNESP, 1993.
- GURJÃO, Elite de Queiroz (Org). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande – Secretaria da Educação; 2000.
- LIMA, Damião et ali. **Memorial Urbano de Campina Grande**. Campina Grande; A União Editora, 1996.
- MARIA FILHO, Francisco. **Crônicas**. Campina Grande; A União Editora, 1978.
- MELLO, José Otávio de Arruda. **História da Paraíba**. João Pessoa; A União Editora, 1984.
- MORAES, Antônio Pereira. **Vi, ouvi e senti. Crônicas da vida campinense e outras narrativas**. Campina Grande; EpGraf, 1985.
- NÓBREGA JÚNIOR, Clóvis Fernandes. **O Casino Eldorado**. Campina Grande, 1999. (Trabalho apresentado à disciplina “*Memória e Patrimônio Cultural*”, do Departamento de História e Geografia do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.)

NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA INDUSTRIAL DA PARAÍBA. **A indústria têxtil de algodão do Estado da Paraíba: diagnóstico setorial.** João Pessoa; NAI-PB, 1975.

PEREIRA JÚNIOR, Francisco. **Feira de Campina Grande – Um museu vivo de cultura popular e do folclore nordestino.** João Pessoa; Editora Universitária / UFPB, 1979.

PIMENTEL, Cristiano. **Pedaços da História de Campina Grande**, 2º volume de “*Abrindo o livro do passado*”. Campina Grande; Livraria Pedrosa, 1958.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar – A utopia da cidade disciplinar, 1830-1930.** Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo, 1830-1930.** Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1991.

SEVCENKO, Nicolai. **História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil, Vol. 3)

ANEXOS

Atual fachada do prédio



Figura 1

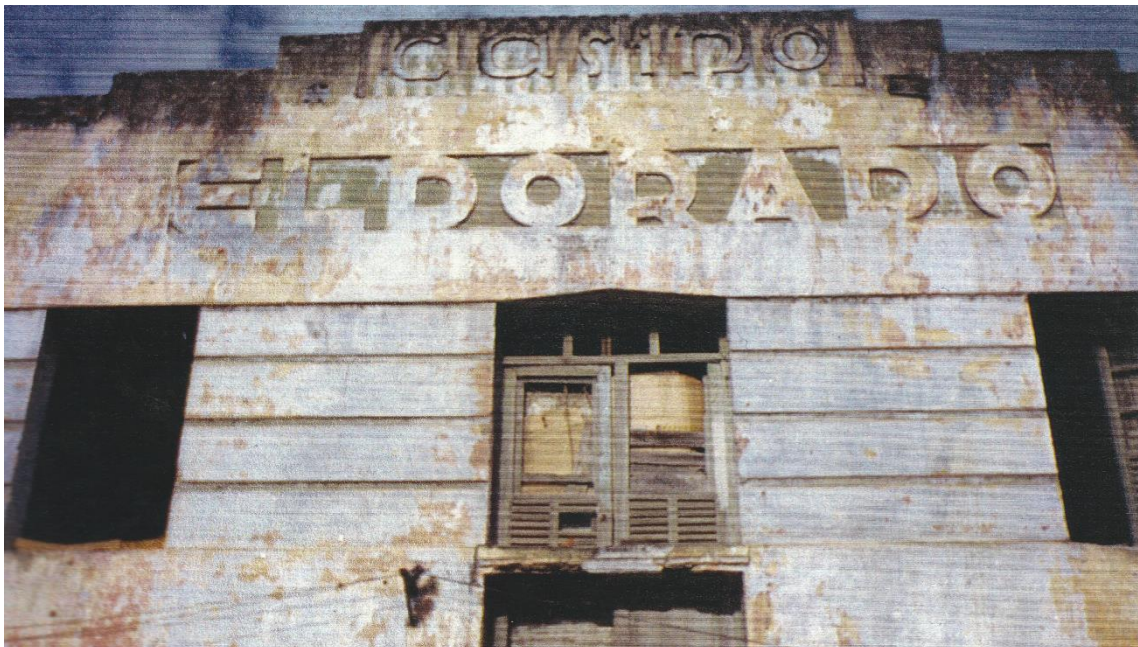


Figura 2

Principal corredor de acesso

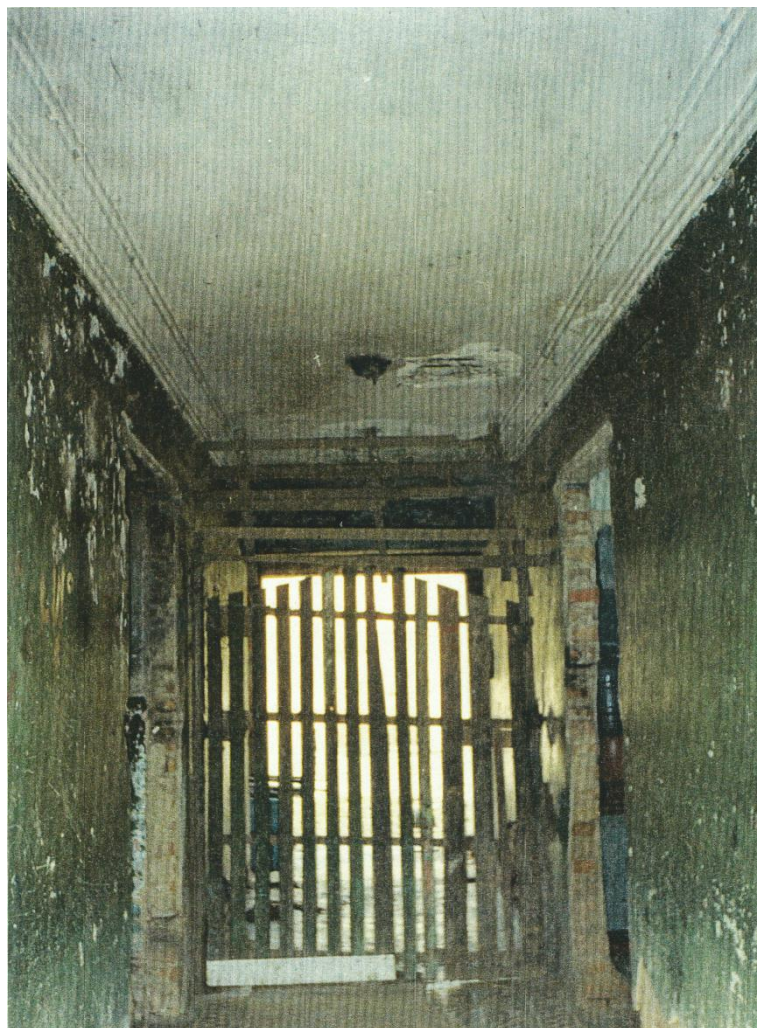


Figura 3

Corredor de acesso aos quartos



Figura 4

O Salão de danças e Palco



Figura 5:

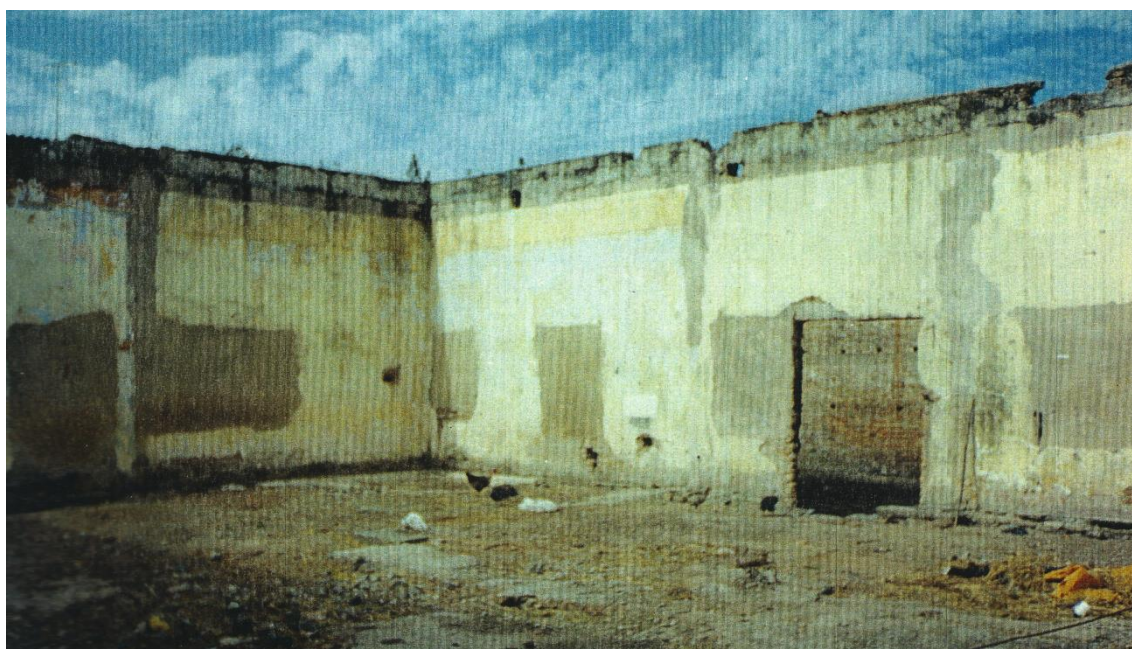


Figura 6

Salão do palco em outro ângulo



Figura 7

Dependência onde se localizava o bar



Figura 8

